

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 28/3 A 3/4 DE 1977 — ANO II — N.º 92 — Cr\$ 2,00

EDITORA JUNDIAÍ LTDA

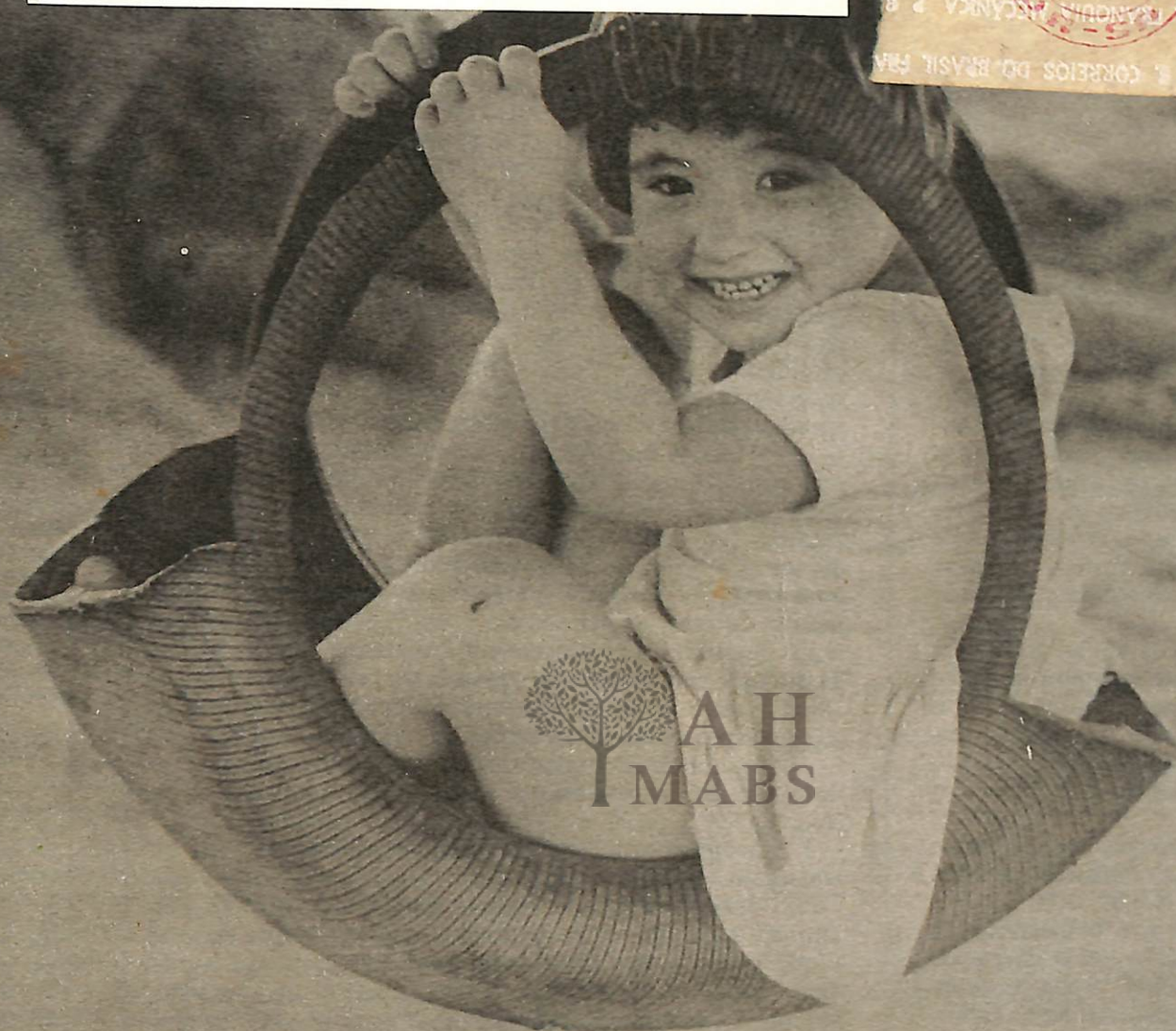
28 3, 77

AD

PU

RE

JORNAL DE JUNDIAÍ
Rua Barão de Jundiaí, 374
Nesta



AOS POUCOS, UMA COMUNIDADE MUDA DE VIDA.

PÁGINAS 8 e 9

QUE DEUS AJUDE O PREFEITO

É a conclusão do relatório da Secretaria de Finanças sobre a situação da cidade. Página 16.

O ADESISMO DO MDB,
NA IMAGINAÇÃO CRIADORA
DE JOSÉ BONIFÁCIO.
(Página 3)

NEM TUDO ESTÁ
AZUL NO NOVO TRANSPORTE
COLETIVO.
(Página 10)

ALELUIA! NOSSO
ESPORTE AMADOR PARECE
QUE VAI RESSUSCITAR.
(Página 11)

O QUE CABE AO MDB

Por imposição arbitrária do Ato Institucional n.º 2 surgiram no quadro político nacional, abruptamente, de cima para baixo as duas agremiações políticas que ora disputam as preferências do eleitorado brasileiro. Temos então, até hoje, em que pesem as aspirações políticas de todas as classes, apenas duas opções partidárias, ou seja, a Arena e o Movimento Democrático Brasileiro. Ao primeiro foi delegada a responsabilidade, e diga-se que sem a correlata autoridade, de ser o sustentáculo político do governo no parlamento, uma tarefa espinhosa e pouco promissora, visto que a Arena não ouso, e tão pouco conseguiu, exercer o poder político, funcionando meramente co-

mo o partido do governo, o que não quer dizer partido no governo. É claro e por demais sabido que a linha de atuação do partido oficial é restrito, não indo além dos limites traçados, revalidando pura e simplesmente os atos e decisões baixadas pelo governo.

Já à segunda agremiação, tão artificial em suas origens como a primeira, coube a ingrata missão de se opor, legalmente, à política do regime instaurado em 31 de março de 1964. Transformou-se o MDB em uma ampla frente, ou melhor uma confederação de oposições sob cujo manto estão as mais variadas tendências políticas e ideológicas do Brasil contemporâneo,

forçando a uma mesma convivência partidária ex-udenistas como Laerte Vieira, ex-socialistas como Alencar Furtado, ex-pessedistas como Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, e outros políticos dos antigos partidos. Mas, bem ou mal, o MDB, vem agasalhando em seu seio as mais dispare e desencontradas correntes políticas, que por ora se juntam num imenso esforço, no sentido de contribuir para a tão decantada, e adiada volta à normalidade democrática. É na oposição, e unicamente nela, como partido legalmente reconhecido, que as aspirações e anseios democráticos, notadamente da população urbana, podem ser transformados em bandeiras e programas de luta, onde economia e política se mesclam a serviço e na defesa dos interesses do povo brasileiro. E se existe um ponto em comum a todos os emedebistas este é o programa do partido, que contém as linhas mestras

que orientam os rumos da ação, sem o qual o movimento não teria razão de ser, e seria a confederação que é. A despeito de sua paternidade, o MDB conta, atualmente, com inegável apelo popular, mantido a duras penas, e que a esta altura dos acontecimentos já redundou em uma perda de mais de 300 elementos de suas fileiras. É interessante frisar que a oposição se esfacelaria, caindo no descrédito popular, na medida direta em que avaliza no todo, ou mesmo em parte, o denominado "Projeto Alvorada", uma dose letal para o seu programa.

Até mesmo o ultra-moderno senador Saturnino Braga, do MDB fluminense, vê com preocupação a idéia de um retrocesso político, ressaltando, "que a oposição não pode aceitar um acordo que implique na violentação completa de seus princípios e na sua destruição como partido político",

escenta que a dissolução a se veria forçado o MDB, abria a porta para a implantação no Brasil, de um regime de partido único, avant-première de consolidação de um regime ditatorial, em definitivo".

Ao MDB resta a oportunidade histórica, talvez a última, de contribuir decisivamente no processo de redemocratização, propondo a nação um amplo debate da situação econômica, política e social, em que estejam engajadas na discussão expressivas parcelas da opinião pública, através de associações de classe, juristas, intelectuais, estudantes e trabalhadores, todos interessados no restabelecimento pleno da democracia, apresentando, ao final, as novas bases para a construção de uma sociedade mais livre, mais justa e mais equânime.

Germano Neto

PAPO FURADO

TRANCA DE FERRO EM PORTA ARROMBADA

As mazelas deixadas pelo governo que passou, agora apodrecidas, começam supurar. Os bisturis das comissões de inquérito, contudo, embora cutucando fundo não conseguem chegar ao carniço. A carniçosa dos desatinos administrativos continua se alastrando pelo corpo combalido das finanças municipais. Os jornais, outrora tão ávidos em alardear a prosopopéia de seu Ibis, fecharam-se em copas. Vivem à espera de em que possam parar as modas, por esperançosos como estão de continuarem rustindo a carne seca. Agora é hora de mudar e, como os canários, na muda os "vira" não cantam.

Todavia, como vínhamos dizendo de início, as mazelas deixadas pelo aprendiz de feiticeiro que sapateou no tablado do povo, agora apodrecidas, começam supurar. E o pus nauseabundo dessa podridão vai poluindo a sociedade jundiense perplexa com tudo o que se vem falando e impressionada com o mais que se possa falar com o correr dos dias.

No Pronto Socorro, os gemidos dos acidentados eram sincronizados em dobro para que pudessem ser captados pelas caixas ressonantes da P.M. e do I.N.P.S.

No S. Vicente e na Faculdade nem é bom contar. E no DAE!... Aquilo era um descalabro!... O DAE gastou um dinheirão para contar que estava dando "Água em abundância e da melhor qualidade". Que pilantras. Se os carros-tanques não socorressem os bairros da miséria, seria um Deus nos acuda. Água, nem pra ajudar descer um comprimido.

Pelo que se sabe por um relatório que acaba de aparecer, o DAE está necessitando de remédios urgentes e em dose cavalgar, pois do contrário a tísica que atacou a sua situação financeira o levará para a glória. Na Justiça corre um processo de indenização de valor superior a 600 mil cruzeiros por rompimento de contrato. O sistema de recalque está parado por falta de dinheiro. É imperativo um financiamento e o cujo não vem. No último dia de governo balançaram o coreto do DAE recheando o bolso de uma porção de "chupetas". Nada menos que 30 mil folhetos de propaganda ibismática estão amontoados para serem incinerados por inservíveis. Que barbaridade.

Não era só no DAE que aconteciam dessas coisas. Nas secretarias também. Na da Educação, pomposamente exornada por 67 figurantes da mais requintada "refinée", a fidalguia do mentor, sempre loquaz e prazenteiro, nunca deixou em jejum o amigo ou o visitante. Um cafézinho, uma laranjada, uma coca, etcetera e tal, sempre faziam as honras da casa, enquanto que a conta, na Paulicéia, subia mais depressa que macaco em bananeira. Na da Saúde, as ambulâncias sempre se converteram em macias "limousines" para o transporte gratuito de quantos se dispusessem a formar no cordão do "Vamos Continuar".

Pois é, amigos! Como na vida não há bem que sempre dure nem há mal que não se acabe, o que era doce acabou-se.

As comissões de inquérito estão correndo atrás da pilantragem. Coisas cabeludas vão aparecendo aqui e ali. Como disse certa feita o fugitivo Simão, aqui no J2a., não importa saber se o gato é branco ou preto, o que importa é que pegue o rato. Mas, será que pega? Será que o rato existe ou é u'a miragem na fantástica psicose de seus perseguidores? Ou tudo não passa de uma "miss-en-scene" de efeito escandaloso? O Tarcísio diz que sim, que pega. Cá o velho diz que não. E você, leitor que é que diz?

V/2

ASSUNTOS MUNICIPAIS

"TO BE OR NOT TO BE"

Para a solução do problema o povo está com a palavra.

Impelidos pelo dever do ofício, estamos abordando hoje em nossas colunas um assunto que, pela sua palpitante atualidade, merece que seja analisado em conjunto pelo povo todo — embora paralelamente ao desfecho que lhe possam dar os poderes competentes.

Entretanto, dada a sua extrema delicadeza e os matizes que o circundam, é mister que nos declaremos isentos de quaisquer responsabilidades pelo que possa haver de inverídico, de exagerado ou distorcido no bojo das respectivas informações. Não obstante, dando crédito à sabedoria popular de que onde há fumaça há fogo, não podemos fugir a assertiva de que, vestida de maiores ou menores detalhes, a atoarda tem foros de verdade.

Assim é que, correm rumores, candentes e insistentes, sobre um tête-à-tête ocorrido entre o sr. prefeito municipal e um representante da EBTU — Empresa Brasileira de Transportes Urbanos, objetivando canalizar recursos da referida empresa para continuação das obras do Plano Viário do Município, no setor do saneamento básico.

Propunha o ilustre emissário visitante, ao chefe do executivo municipal, o levantamento de uma dotação correspondente a 80 milhões de cruzeiros por exercício administrativo, ou seja, 320 milhões de cruzeiros nos quatro anos da presente legislatura, como recursos de sustentação à execução das obras acima referidas.

Não se trata de novo empréstimo comprometendo ainda mais a exaurida burra municipal. Muito ao contrário, não é exigido retorno desse dinheiro à fonte do seu nascedouro. Vale dizer que o município se locupletaria com essa vantagem que lhe terá sido oferecida de mão beijada.

Ocioso é o raciocínio de que por tratar-se de um presente trazido sem ônus à porta de casa, o leitor, à altura destas linhas, já conjecturou em volta da aceitação pura e simples da generosa oferta.

A "priori", nós também assim entendemos. Se podemos receber, de graça, uma soma tão vultosa e tão necessária ao segmento do Plano Viário, porque havemos de recusá-la? Aí está o busilis.

Para que possamos aplicar esses recursos no andamento das obras, teremos que (é o que se fala), obrigatoriamente adjudicar a tarefa executante à mesma companhia que se propôs à construção das avenidas do Corrego do Mato, da 14 de Dezembro e da Imigrantes, além da pavimentação asfáltica em ruas da cidade, ou seja a Andrade-Gutierrez.

Isto dito, assim a grosso modo, dá a idéia de que para a consecução do objetivo colimado, entrariam em conúbio a Prefeitura, a EBTU e a Construtora.

Não pretendemos tirar uma ilação apressada do fato, mesmo porque não conhecemos, se confirmado o boato, o comportamento do sr. prefeito no julgamento dos prós e dos contras contidos na proposta em apreço. Os prós, são de meridiana clareza. Os contras, exigem meditação. São de natureza moral. Um governante honesto sempre reluta em transacionar por meio de modalidades que destoem da norma comum. Seria então de se crer que essa condição negativa tenha desestimulado o governo a anuir a uma proposta tão sedutora. Isso, como dissemos, só por uma questão de ordem moral dado o inusitado da sistemática.

Os boatos, força é repetir, não estão bem claros aos nossos conhecimentos. Daí nos dissociarmos de quaisquer apreciação de cunho crítico.

Um tanto aturdido, o nosso raciocínio não nos oferece campo para uma opinião a queima-roupa. Sabemos que, em recebendo o dinheiro o município nada perde e muito ganha. Em rejeitando-o, tudo perde.

Não vão nestes conceitos sugestões ou insinuações de nenhum jaez. Muito ao contrário, noticiando o fato, aliás de maneira um tanto difusa, deixamos a conclusão ao saber de cada um. Como pensa o leitor?

Estariam propondo ao município um negócio de compadres e nesse caso o prefeito não pode aceitá-lo? Ou a proposta deve ser encarada como normal dada a prática arraigada por toda parte? N'outras localidades condições similares teriam sido avençadas sem a objurgatória da crítica nem veso incomum que possa ser censurado?

Temos uma pauta, como se vê, um dilema que, pela sua natureza por assás estranha, deve aguçar os sentidos dos nossos setores de atividade mais representativos e de todos quantos possam interessar-se mais diretamente pelo progresso e desenvolvimento da cidade.

Elcio Vargas



EM CÂMARA LENTA

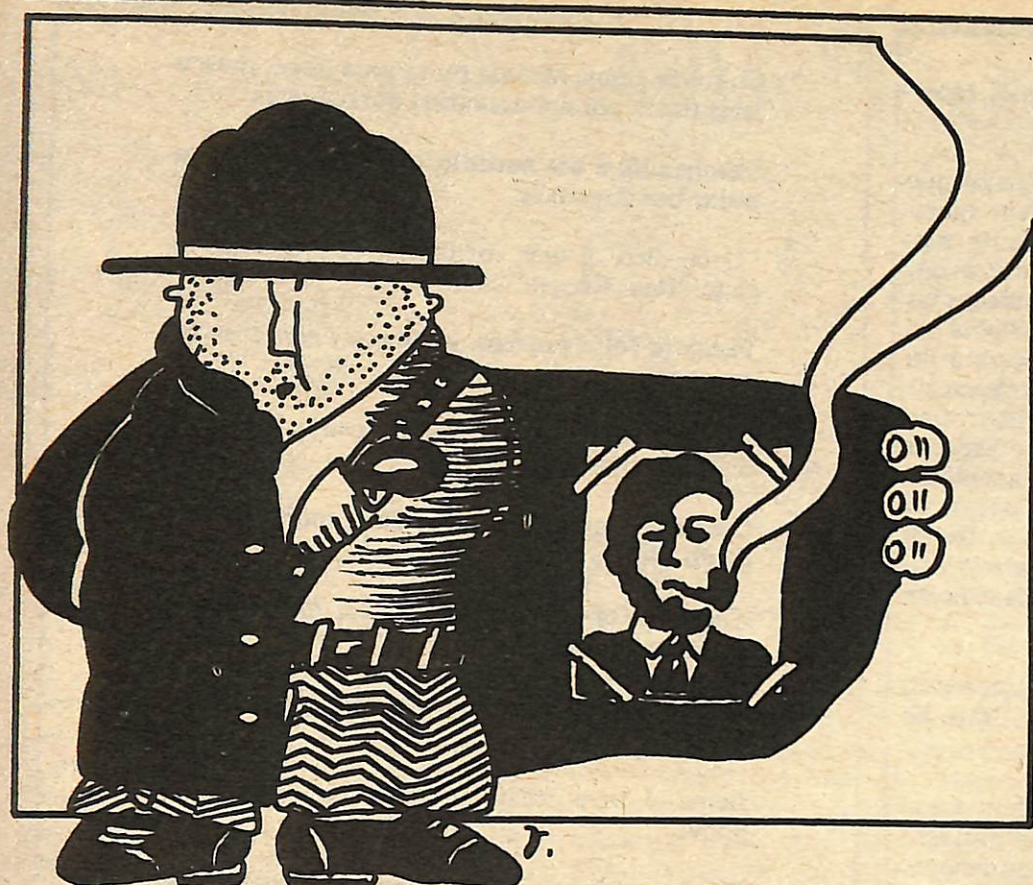
23 de Março de 1977

As declarações de Ibis Cruz frente à CEI que investiga irregularidades no Hospital São Vicente foi o que se poderia chamar de jogo amistoso. Ou uma tragicomédia sem vítimas a lamentar, durante a qual a ex-estrela desfilou sua personalidade ciclotímica, revezando momentos de "porque me ufano de mim mesmo" com "querem acabar comigo", bem no velho estilo que os jundienses cansaram de ver durante os quatro anos de sua administração.

O primeiro ato foi de total arrogância: ou me deixam falar sobre as causas mais profundas do problema de saúde, ou eu vou pra casa de mamãe e vocês se virem com o meu relatório. O presidente, não sabemos se acertada ou erradamente, deixou o enfant gatê à vontade para fazer o que quisesse. E o que faria Narciso diante da superficialidade mansa do lago senão rebolar de admiração e piedade por si mesmo, de acordo com as suas conveniências? Foi o que aconteceu.

Herói e vítima, a estrela jogou e gingou, desmentindo todas as acusações feitas por testemunhas anteriormente ouvidas pela CEI, mas partindo para denúncias violentas contra a Jundiá Clínica, especialmente. Esse grupo médico, que "tomou conta da saúde em Jundiá" desviou e furtou material do São Vicente, segundo Ibis Cruz. Tudo quanto foi apurado pelo atual Secretário de Saúde, dr. Eugênio Ferrari, é suspeito, porque ele, Ferrari, "é suspeito". Em seu delírio de perseguição, Ibis Cruz chegou a dizer que a Jundiá Clínica financiou um jornal para destruí-lo (referência a este semanário, evidentemente). E não ficou vermelho, ele que gastou sete milhões de cruzeiros do povo para conseguir o good will dos jornais diários locais. Mas ninguém se surpreendeu com nada que o declarante falou, embora certas pessoas presentes ao auditório, cerca de 40 ex-secretários, ex-assessores, ex-funcionários amigos e parentes ficassem ali babando cada vez que o chefe rompia em ataques corajosos a seus "perseguidores". Seria um espetáculo alegre, se não fosse Ibis Cruz, o autor da falência do município, a estrela central do show. Mesmo assim, a julgar pelo noticiário que se seguiu à audiência, o homem conseguiu seu intento: brilharam nas primeiras páginas as denúncias e os desmentidos, provando que ele ainda sabe dar a isca para que a Imprensa engula com anzol e tudo.

Erazé



Plantão geral

Tenho acompanhado, com a mesma revolta do autor, os últimos artigos do "Plantão", em que Percival de Souza desanca a impunidade privilegiada dos autores de grandes crimes (assassinatos, corrupção, estelionato), em contraposição ao rigor sofrido pelos "pés-de-chinelos", os criminosos comuns.

Chego a pensar que, se fosse vivo, Lombroso acrescentaria um novo caractere à sua galeria de narizes tortos, polegares curtos e cabeças pequenas: o colarinho branco (white collar), marca registrada dos novos Capones da nossa sociedade de privilégios.

Mas os artigos de Percival de Souza me fazem pensar um pouco além do recinto das delegacias de polícia e dos muros das prisões; além dos palacetes com piscinas e *affaires*; e dos escritórios acarpetados das arapucas comerciais. Me fazem pensar nesse imenso território denominado "coisa pública", res publica dos romanos transformada em vaca de ninguém, onde se mama como nunca, impunemente como nunca.

Nessa imensa área de terra, tanto quanto nas ruas da grande metrópole ou nas praias de luxo, os white collars continuam desfilando sua impunidade, enquanto que lambaris são demitidos ou cassados por mordiscarem as migalhas que o vão dos grandes dedos deixa escapar, na pressa de abocanhar as grandes fatias do bolo geral.

Se Percival tem, em sua luta mais específica, a felicidade de contar com a franquia das portas do Secretário de Segurança Pública, onde, sabemos, ele esbravejava, denuncia e propõe com a mesma coragem e a mesma autoridade moral com que escreve seus artigos, já o povão, o dono da vaca, nem sempre sabe ou tem a quem se queixar. E quando se queixa acaba vendo, perplexo, o vazio onde caem

seus resmungos: a posta-restante dos "arquite-se" da burocracia, ou o "não tem registro" dos computadores insensíveis do Sistema.

Embora essa situação seja, pelo que se lê nos jornais não-atrelados, um fenômeno nacional, Jundiá tem sido o caldo de cultura exemplar para a proliferação dos "colarinhos brancos" da coisa pública.

Veja-se o caso da empreiteira do Sistema Viário. É fora de dúvida que os seus preços para os serviços de movimento de terra e de asfaltamento das vias são escorchantes e estão sangrando a economia do povo. No entanto, engravatada, ela vem sugerir à nova administração municipal as trilhas a percorrer, se quiser conseguir mais dinheiro dos órgãos oficiais. Ao invés da natural execração pública, cabe a ela a função de cão-de-guia rumo ao malcheiroso caminho do "nihil obstat" oficial, para que o novo prefeito possa "dinamizar" sua gestão.

Veja-se o caso do engravatado ex-prefeito. Lá está ele, só que de camisa esporte como pega bem ao novo cargo esportivo, ditando regras de salvaguarda do time de futebol local, sua mais nova tentativa de continuar engodando o esfalfado povo que foi sua amadeleite durante quatro anos e muitos milhões de disparates.

Se para o repórter policial autor do "Plantão" existe o apoio do Código Penal infringido pelos seus white collars, para nós, da briga geral, nada resta. Porque, no território da coisa pública, na terra de ninguém em que nos vimos transformados, tudo é muito legal. E legalidade, tanto quanto patriotismo, tem sido a grande bandeira sob a qual os nossos encolarinhados homens públicos vêm-se abrigando, não se sabe até quando.

Erazê Martinho

A LISTA DOS "ADESISTAS"

A publicação, por um jornal de Brasília, de uma lista de 63 deputados federais do MDB que poderiam passar para a Arena, se a lei da fidelidade partidária fosse revogada, provocou uma indignada reação de grande parte dos citados. Principalmente porque, segundo o jornal, a relação dos "adesistas" ou "conversáveis" teria sido preparada pela própria direção da Arena e divulgada por um parlamentar arenista.

Já no dia seguinte, irritados deputados oposicionistas atacavam o jornal em plenário, garantindo sua fidelidade ao MDB e denunciando a publicação como uma manobra da Arena. Informalmente, apontava-se o grupo "bonifacista" como autor da manobra, que pretendia "minar a unidade do MDB" e facilitar a revogação da fidelidade partidária, proposta pelo líder José Bonifácio.

Se a intenção da Arena era essa, o golpe falhou, pois provocou uma reação contrária: praticamente todos os citados negaram com veemência qualquer intenção de passar para a Arena, agora ou no futuro. Com isso acabaram fazendo a seus eleitores uma profissão de fé que não poderão quebrar sem sérios prejuízos eleitorais.

Além disso, é preciso levar em conta que a maioria dos adesistas não tem, atualmente, qualquer interesse em passar para a Arena. Preferem que o fim da fidelidade partidária permita que eles votem com o governo sem pertencerem ao partido do governo, pois isso seria altamente desvantajoso em épocas eleitorais.

Apesar de toda a repercussão do caso, no entanto, poucos tomaram

conhecimento da lista em São Paulo, onde os jornais limitaram-se a noticiar o fato e a reação dos emedebistas. Esta foi a relação publicada pelo "Jornal de Brasília":

Acre: Nabor Júnior e Ruy Lino. Amazonas: Antunes de Oliveira e Joel Ferreira. Pará: (João Menezes e Júlio Viveiros. Ceará: Antonio Moraes. Rio Grande do Norte: Francisco Rocha e Pedro Lucena. Paraíba: Arnaldo Lafayete e Octacílio Queiroz. Pernambuco: Fernando Coelho e Thales Ramalho (secretário-geral do MDB). Alagoas: Vinicius Cansação. Bahia: Antonio José, Hildérico de Oliveira, Ney Ferreira e Noide Cerqueira. Espírito Santo: Mário Moreira. Rio de Janeiro: Abdon Gonçalves, Alcir Pimenta, Daniel Silva, Erasmo Martins Pedro, Francisco Studart, José Bonifácio Neto, José Maria de Carvalho, Leônidas Sampaio, Mac Dowell Leite de Castro, Marcelo Medeiros. Osvaldo Lima e Pedro Farias. Minas Gerais: Cotta Barbosa, Juarez Batista, Luís Couto, Nelson Thibau e Renato Azeredo. São Paulo: Adalberto Camargo, Athiê Jorge Cury, Edgar Martins, Frederico Brandão, João Arruda, Jorge Paulo, Minor Massuda e Ruy Brito. Goiás: Iturival Nascimento, e Juarez Bernardes. Mato Grosso: Walter de Castro. Paraná: Antonio Anibelli, Nelson Maculan. Oswaldo Buskei, Gomes do Amaral, Samuel Rodrigues. Santa Catarina: Francisco Libardono e José Thomé. Rio Grande do Sul: Antonio Bresolin, Eloy Lenzi, Jairo Brum, José Mandelli, Lauro Rodrigues e Lidovino Fanton. Amapá: Antonio Pontes. Jundiá: Rolan... Epa! Perdão: Jundiá não entrou na lista.

Além disso...

O INEXPLICÁVEL FIM DA SECRETARIA DAS COMUNICAÇÕES

Não há como negar ao governador do Estado o direito de substituir e remanejar seus auxiliares como bem entender. Nem como contestar alterações na estrutura administrativa estadual, desde que as mudanças tenham o objetivo de aumentar a eficiência, corrigir desvios, melhorar a máquina governamental.

Por isso mesmo, houve quem elogiasse as mudanças promovidas pelo governador Paulo Egydio nos últimos dias.

O que ninguém entendeu, no entanto, foi a eliminação, pura e simples, da recém-criada (pelo próprio Egydio) Secretaria das Comunicações.

Antes existia apenas a Assessoria de Imprensa, ocupada pelo major Ismael Armond e subordinada à Casa Civil. Cuidava do serviço de imprensa do governo estadual, das relações com a imprensa, da distribuição de verbas de publicidade oficial, etc. Egydio resolveu dar status de secretário a Armond e transformou a Assessoria em Secretaria de Estado. Pode-se imaginar o número e o volume de providências burocráticas que foram necessárias, a começar pelo preenchimento dos cargos criados através do remanejamento de funcionários, etc.

Mas o governador resolveu ir além. Para evitar que a nova Secretaria fosse apenas uma assessoria

de imprensa mais luxuosa, resolveu transferir-lhe a direção da TV Cultura, até então subordinada à Secretaria de Cultura e Tecnologia.

Isso acabou provocando uma séria crise entre Egydio e o então secretário de Cultura, José Mindlin, que se opunha à transferência. O resultado foi a demissão de Mindlin.

Agora, precisando de um homem de sua confiança na presidência, da Cecap (Caixa Estadual de Casas Populares) o governador transferiu para lá o major Armond. No mesmo ato, extinguiu a Secretaria das Comunicações. Dois dias depois, o próprio Armond admitia a existência de um sentimento de frustração e, principalmente, de ansiedade entre os funcionários da extinta (todos remanejados de outros órgãos públicos). Em seguida, informava que os serviços de imprensa e propaganda do governo voltariam a ser subordinados à Casa Civil. Só não explicou qual seria o destino da TV Cultura.

De tudo isso, fica no ar a dúvida: a Secretaria das Comunicações foi criada porque era efetivamente necessária à administração, ou apenas para durar enquanto nela permanecesse Ismael Armond?

EX-PRESIDENTE?

No comentário da semana passada sobre o deputado Thales Ramalho, onde se lia que ele "é um ex-presidente", leia-se ex-pessedita.

NOSSO TELEFONE

434-8648

ESTÁ MUDO DESDE 22/2



"Se houve desvio de recursos no Hospital São Vicente, que seja apurado com rigor. Mas achamos que o caminho da Comissão Especial de Inquérito é o menos adequado. Uma administração sai engrandecida quando apura os fatos e apresenta resultados. Mas diminui aos olhos do público quando não consegue ir além das denúncias. E fica sempre aquela impressão de que no final faz parte da mesma aldeia global". (Geraldo Gomes Gattolini, *Jornal de Jundiá*, 13/3)

"Dizem por aí que todo homem tem seu preço. Há quem vá mais longe afirmando que alguns homens são vendidos a preço de banana". (Millôr Fernandes, livro "Devora-me ou te Decifro")

"Na administração passada, de Ibis Pereira Mauro da Cruz, o esporte, simplesmente, morreu". (Leme do Prado, *JJ* de 16/3)

"Nossa cidade é realmente muito engraçada, ou melhor até gozada..." (Nelson Chiosorin, *JJ* de 11/3; foi respeitada a pontuação original)

"Os jovens, não por culpa sua, mas em razão de numerosos fatores, falam e escrevem cada vez pior, exprimindo-se através de uma linguagem muito pobre". (Professora Esther Ferraz, do Conselho Federal de Educação)

"É claro que o Brasil está com um futebol muito longe do ideal, por exemplo, para ganhar a Copa do Mundo na Argentina. Mas com essa mentalidade dos jogadores, com esse empenho e essa seriedade demonstrados em Assunção, não tenho dúvidas de que chegaremos ao sistema perfeito do modesto futebol e vamos ser

campeões mundiais". (Cláudio Coutinho, técnico da seleção brasileira)

"Aqui mesmo, em Jundiá, por maior que sejam os desejos dos políticos de verem apuradas irregularidades na vida administrativa municipal, parece que a CEI - Comissão Especial de Inquérito que investiga irregularidades no Hospital São Vicente, não terá condições de apurar em profundidade o destino correto do dinheiro público. A maneira rocambolesca de apurar vem apresentando defeitos na rotina administrativa, o que levará, sem dúvida, a atual CEI a uma posição bastante incômoda. Acolheu denúncias graves, mas como chegar ao fundo das explicações?" (Outra vez o sr. Geraldo Gomes Gattolini, *JJ* de 13/3, matéria cercada por fios que, normalmente, identificam as publicações pagas)

"Me diz aí, sinceramente: tua coragem chega lá perto?" (Millôr Fernandes, *Veja* de 16/3)

"As classes mais favorecidas acham ainda hoje que caridade é esmola. Elas ainda possuem um sentido de assistência social puramente paternalista. No entanto, num país como o nosso, onde apenas um por cento das pessoas ganha mais de dez mil cruzeiros mensais, é importante que essa classe alta deva ser preparada para compreender o verdadeiro sentido da assistência social. Os problemas sociais terão fim quando nossas elites econômicas também forem elites sociais. Por isso, existe um dever dos industriais, comerciantes e liberais em trabalhar para minorar nossos problemas sociais" (Mário Altenfelder, secretário da Promoção Social, coluna "Plantão", de Percival de Souza, 31/1 a 6/2)

Coimbra é uma atadura preta para dores musculares usada por universitários portugueses.

Salamandra é um remédio contra enjoos provocados por largatixas.

"Orra, meu" é uma corruptela da expressão inglesa "Hey, Romeo".

Tanajura foi a primeira japonesa a sentar-se numa cadeira.

Conjuntura é uma espécie de festival de rock, muito comum hoje em dia.

Cananéia é uma bebida destilada muito apreciada no litoral.

Guérnica foi uma guerrilheira espanhola que tinha cara de cavalo.

Marmóreo é um oceano que banha as costas de Carrara (Itália).

Beiral é uma cidade portuguesa onde nunca chove.

Prepúcio é o período de tempo que antecede ao casamento.

Quinhão é uma arma de fogo que atira por partes.

Epaminondas é uma espécie de croquete que ataca o fígado.

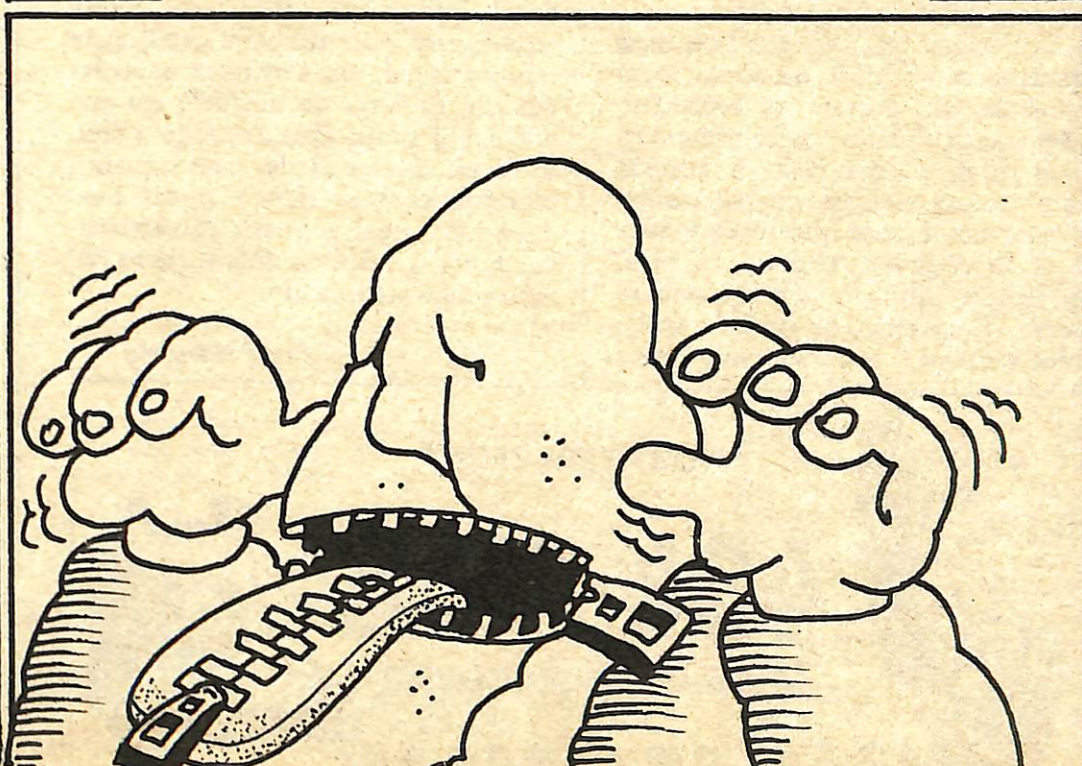
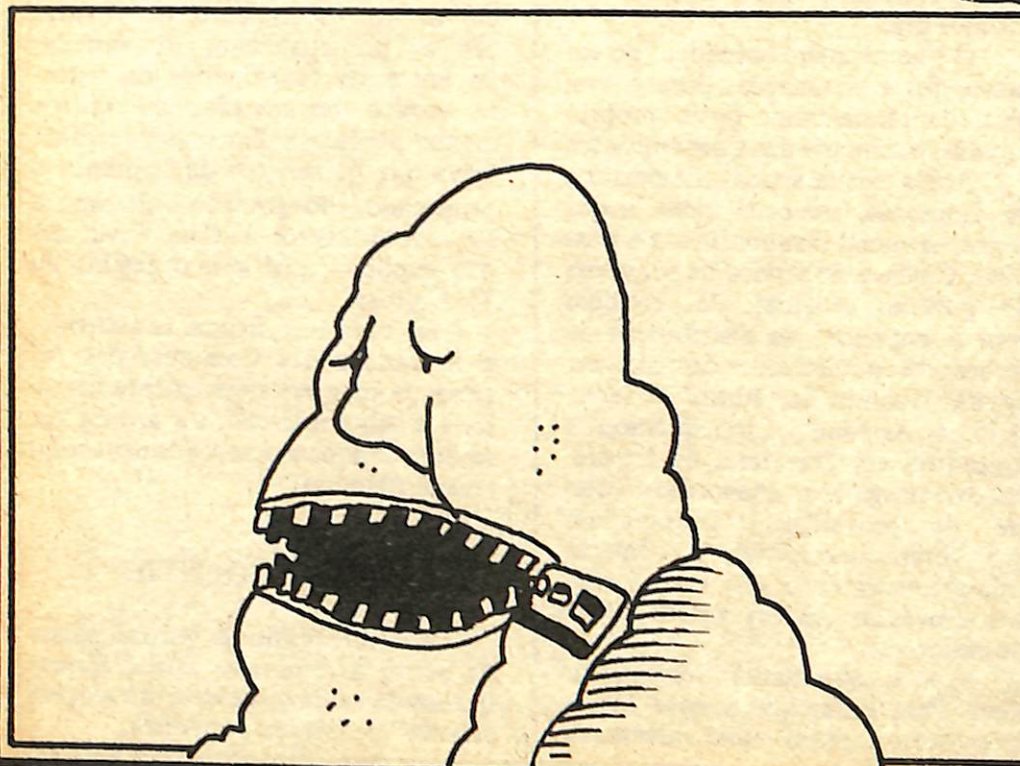
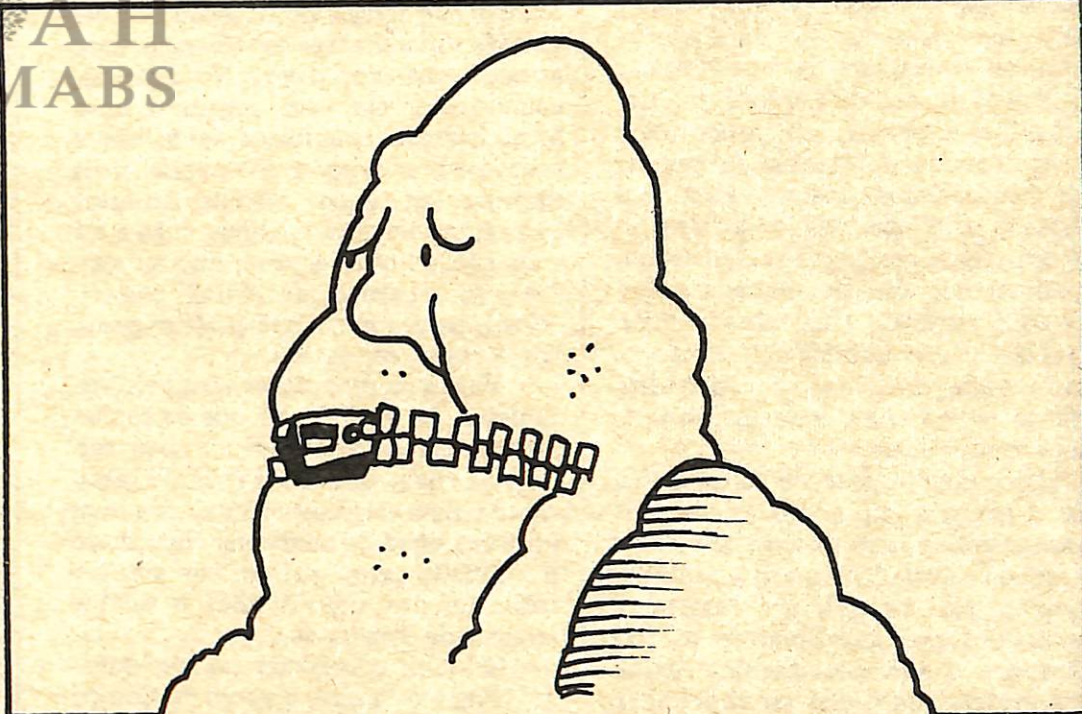
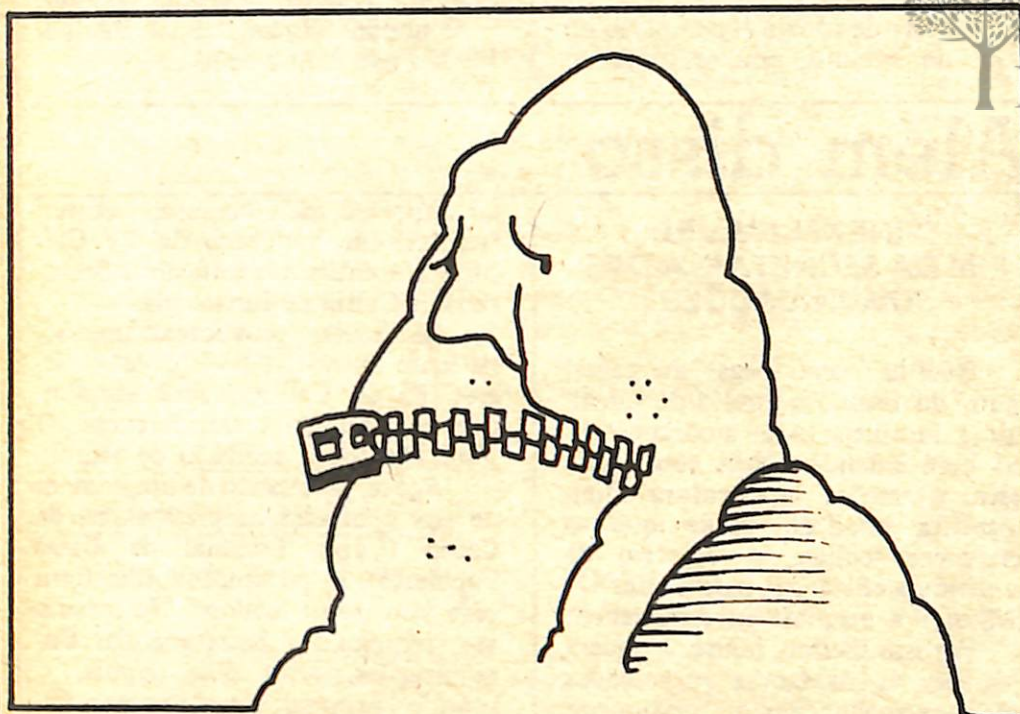
Gerimun ficou com a carne seca, ao pintar a abóbada da igreja de Padre Cícero.

Zarteu

INTERVALO

AH
MABS

Zeio.





AVENTURA NO PLANETA MONGO

A transcendência oriental do resultado das eleições na Índia poderia bem ser um bom tema para debates numa roda de amigos que se reunisse para bater um papo, lá em casa, no fim-de-semana. Ou quem sabe uma cerrada discussão sobre o leque de alternativas que se apresentam diante do impasse institucional? Poderíamos também ter desviado a conversa no sentido de uma análise mais aprofundada das salvaguardas que cercam o acordo nuclear Brasília-Bonn, com todas as implicações filosófico-político-sócio-ecológico-econômicas que derivariam de sua aplicação.

Mas acontece que o nosso potencial filosófico-especulativo, mormente aos sábados, carece totalmente de profundidade. Uma discussão desse gênero derivaria, inevitavelmente, para uma irreprimível sessão de bocejos.

Decidimos então, de comum acordo, buscar uma forma de lazer um pouco mais leve e realmente mais adequada ao sentido lato da palavra, muito embora a gente se sinta inclinado, às vezes, a confundir-la com o não-fazer-absolutamente-nada — o que pode vir a ser profundamente nocivo para o espírito e para a alma.

Nessa particularíssima noite de sábado, as opções de lazer na cidade estavam acidentalmente limitadas por alguns desastres imponderáveis e que fugiram completamente ao nosso controle: a Cacilda, meio doente, foi dormir cedo; privou-nos, involuntariamente, do espetáculo de sua voz e do salutar e incorruptível bom humor do Iólíce. A antena de tevê, ainda sofrendo os efeitos do devastador temporal, acentuatadamente adernada para a esquerda, impedia a propagação — em casa — das infáveis mensagens da Rede Globo. (O que prova, aliás, de maneira definitiva, que depois da tempestade vem mesmo a bonança).

O que restou? As opções oficiais de lazer que a cidade oferece são um passeio à Serra do Japi e a consequente volta do passeio à Serra do Japi; ainda assim, esse passeio precisa ser feito com uma certa urgência, uma vez que há indícios inquietadores de que a Serra não permanecerá lá por muito tempo. E não pode ser feito à noite. Então, hipótese afastada.

A vida noturna da cidade, por enquanto, tem a qualidade de ser, por motivos obviamente ligados ao movimento de rotação da terra, apenas noturna. Indícios de vida, provados cientificamente, ainda não existem.

E então, meu Deus, o que fazer? Alguém sugeriu, timidamente: "vamos ver o Gregório Barrios no Clube de Campo?" A proposta, ao contrário do que se possa pensar, foi feita em caráter sério, sem nenhum tom de escárnio.

Há sim, no fundo de todos nós, um recôndito senso de aventura.

Viver perigosamente, eis o desejo secreto de cada um de nós. Talvez por estar com esse desejo secreto em nível exagerado e excitação, topamos.

Movidos pelo mesmo sentido de aventura com que uma expedição arqueológica vai em busca de ruínas etruscas e urnas marajoaras, decidimos, em democrático consenso, ir buscar num baile de casais e em Gregório Barrios alguns sinais de uma perda e remota civilização.

E para lá fomos, indômitos, eu, Vera, Paulo e Cecília. (Quem sabe afinal de contas o nosso esforço não acabasse sendo recompensado pela citação na coluna de um arguto cronista social?).

Cumpridas as formalidades de praxe, integramo-nos à comunidade dos que buscavam o deleite da centenária voz da grande estrela da noite. E procuramos, naturalmente, a solidária companhia de um Pernod. E iam cumprindo, com desenvoltura, a tarefa de ingeri-lo, quando fomos avisados, inopinadamente, por um funcionário da casa, de que estavam conspurcando o ambiente. Santo Deus! Estaria algum de nós nu? Escandalosamente embriagado? Depois de um breve (porém minucioso) exame de parte a parte, chegamos à conclusão de que nos trajávamos civilmente e de que oestentávamos uma sobriedade irrepreensível.

"Não, não" — setenciava o eficaz funcionário. "Os senhores estão de calça Lee. Diz o regulamento que é proibido calça Lee ou similar". Para que não pairassem dúvidas, mostrou o regulamento. E ele rezava mesmo, em um de seus artigos, a terrível proibição.

Como a chamada desobediência civil, que vicejou tão frondosamente na América do Norte nos anos 60, ainda não fez adeptos neste outro Hemisfério, resolvemos sair, privados de possibilidade da fruição estética do alegre sarau dançante do Clube de Campo.

E lá fomos afogar nossas mágoas de um lazer mal sucedido nas canecas geladas do Chopão. Era, pelo menos, nossa intenção, manifesta aliás, em gestos largos, ao garçon do local. E é o que teríamos feito se ele, o garçon, não condicionasse o ato de servir a refrescante bebida ao estado geral do nosso apetite. Pois lá só pode beber quem tiver fome.

Espantados com o inextricável axioma do Chopão, recolhemos os nossos ímpetos de desfrutar de inocentes momentos de lazer e fomos procurar, na cerveja quente de um anônimo botequim, o ânimo para reconstruir a nossa fé na crença agora tão abalada, de que a liberdade é uma velha calça azul e desbotada.

Sandro Vaia

— O sentimento de justiça e de direito está, historicamente, para o Supremo Tribunal, como o verde para a esmeralda e a alma para o corpo.

Num trabalho bastante técnico, o advogado José Fernando Rocha, suplica ao STF pelo delegado Sérgio Fleury a concessão de um habeas-corpus pela declaração da ausência de justa causa para a pronúncia do paciente, contrariando decisão do juri de Suzano, confirmada pela 1a. Câmara Criminal do Tribunal de Justiça, segundo o qual o policial teve de responder em júri popular pela morte de um certo Risadinha. Enfático em seu pedido ao STF, o advogado Fernando Rocha cita até processual inquisitorial, ao tempo do Tribunal do Santo Ofício, em Portugal: "provará o réu que se achou em certo lugar, haverá seis meses, com certa companhia, onde ele, réu, e sua companhia se deram a entender que eram observantes da Lei de Moisés; provará que, em outro certo lugar, se achou ele, réu, e a dita companhia, entre práticas que tiveram, se declararam como criam e viviam na Lei de Moisés para salvação de suas almas e por sua observância disseram que rezavam a oração do Padre Nosso sem dizer Jesus no fim, e ele, réu, e a dita companhia fizeram, em certo dia, jejum judaico".

De acordo com os perfis traçado pelo advogado Rocha, Fleury é um delegado-herói e a testemunha de acusação, Marco Antônio Ligabó, um facínora. A decisão do STF certamente será um termômetro para que se possa aquilatar o futuro de certo tipo de réus. Decisão técnica, processual ou política? No centro do tabuleiro, a peça chamada Fleury.

II

Um certo tenente Antônio Grandi, da viatura Tático Móvel prefixo 1.900, não gostou de ver um cinegrafista filmando, na segunda feira da semana passada, na Capital (em plena av. Brasil x Brigadeiro Luiz Antônio) e — pasmem — colocou-o no "chiqueirinho" reservado dos presos e o levou para o distrito policial mais próximo.

Arbitrário e prepotente, o tenente Grandi procurou justificar, mais tarde, a detenção do cinegrafista Antônio Francisco da Silva Mateus: "podia ser um terrorista". Isto é: um terrorista de câmera de filmar na mão e ao seu lado um carro com símbolo e inscrições da TV Bandeirantes, canal 13... Ridículo.

Cinegrafistas, imprensa... o tenente insistiu: pensou não sei o que, mas em suma pensou que estivesse diante de um monstro perigoso. Ora, os únicos monstros com vida legal neste planeta, credenciados para tanto — e assim mesmo a título precário — são as serpentes do Lock Ness e o leti do Himalaia. Parece-nos extremamente difícil uma migração repentina, em que aqueles

dois personagens trocassem as gélidas paragens de suas origens pelo inofensivo bairro da Consolação. Portanto, nem Escócia, nem Tibet.

E diante desse caso, a posição mais cômoda, para nós, seria o silêncio ou a omissão, já que nessa corporação chamada Polícia Militar temos muitos amigos. Mas não é esse o ponto. O cinegrafista poderia ser o sr. Eustáquio da Silva. Pouco importa. O que importa é colocarmos um ponto final nessas atitudes grotescas, próprias de "energúmenos" (a referência não é nossa, é desabafo do secretário da Segurança Pública coronel Erasmo Dias). Para que isso? A que conduz atitudes como essa? Para que essa violência gratuita, absurda?

Como já nos ensinou o padre Vieira, em seu sermão do primeiro domingo do Advento, pregado na Capela real ao ano de 1665 "a omissão é o pecado que com mais facilidade se comete, e com mais dificuldade se conhece, e o que comete e dificulosamente se conhece, raramente se emenda". A omissão, disse ainda o padre "é um pecado que se faz não fazendo".

Depois, no Sermão de São Pedro, em Lisboa, o mesmo Vieira observava: quem não pergunta, não quer saber; quem não quer saber quer errar. Há porém ignorantes tão altivos que se desprezam de perguntar, ou porque presumem que tudo sabem, ou porque se não presume que lhes falta alguma coisa por saber. Deus guie a Naú onde forem estes pilotos.

Aos interessados na eliminação de incidentes lamentáveis como aquele que envolveu o cinegrafista, colocamos à disposição todos os substantivos, adjetivos, verbos, advérbios, pronomes, conjunções e preposições, para que lhes emprestem o brilho que a estética entender. Mas desde que ao final do polimento permaneça intocável e no infinito, um verbo (moralizar) e em sua companhia um pequeno advérbio: JÁ!

III

Sugestão aos amigos da DPZ: após o retumbante sucesso da campanha contra a matança de pombo, um pouco de preocupação (metade já estaria bom) pela matança de seres humanos. Na baixada Fluminense, na Capital, etc.

Estive pensando e verificando que, em termos de seres humanos, vivemos numa temporada de caça permanente, apesar do artigo 121 e seus parágrafos e incisos. Apesar da lei de Deus ("não matarás") e da lei dos homens ("matar alguém: Pena...") Aliás, um texto milenar, inserto no versículo 45 do capítulo V do Livro de Matheus, afirma: Qui solem suum oriri facit super bouos, et malos et pluit super justos et injustos" Ou melhor: se Deus dá o seu sol... aos bons e aos maus; aos maus que se fizerem bons, como o negará?"

Percival de Souza

CHAMANDO A TELES

NOSSO TELEFONE

434-8648

ESTÁ MUDO DESDE 22 DE FEVEREIRO



ZONA FRANCA

CONCURSO DE CONTOS

Sr. Li, há muito tempo, num jornal daqui, que o "Jornal de 2a." estava realizando um concurso de contos. Um amigo meu escreveu um conto, mandou para Jundiá e até agora não se sabe o que aconteceu. Será que o I Concurso de Contos de Jundiá foi uma invenção dos senhores para promover o jornal? Carlos Vertmeier, Curitiba.

Que que é isso, Karl? Calma rapaz, o concurso está valendo e logo a gente vai dar notícia, para Curitiba e para o mundo. Aguarde. Lembranças ao seu amigo contista.



SOMENTE A VERDADE

Sr. Li e fiquei estarecida com o volume de dinheiro que o "Jornal de 2a." (n.º 91) diz ter sido gasto pelo ex-prefeito com o jornais diários da cidade. Os senhores podem provar o que afirmam? Raquel Ferraz.

A senhora não leu atentamente, dona Raquel. As informações foram dadas pelo próprio poder público à Justiça. A gente é louco,

mas não pula na frente do trem, qualé?

SOMENTE MENTIRA

Sr. fiquei impressionado com a verba de mais de 4 milhões antigos (nossos) que o ex-prefeito Ibis Cruz gastou com propaganda para dizer que a sua administração era a salvação da cidade. Quem sofre problemas de água, como a população de Vila Apa-

recida, na qual me incluo, sabe que todo esse dinheiro serviu para custear somente mentiras. É uma vergonha. P.M. (desculpe se não assino).

Pois é, P.M.. Explica isso pra dona Raquel, aí de cima. Quanto a não assinar a carta, um pouquinho de coragem (sem dinamismo!) ajuda muito. Principalmente para dar crédito a denúncias. Tente de novo.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana — Térrea, sala em L, lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência para empregada. Cr\$... 1.300.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Anhangabaú — Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00 **Oferta Central de Imóveis**

Jardim Brasil — Nova, com 3 dormitórios, todos com armário, sendo: 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil aquecedor central, armários externos, etc. **Oferta Ribeiro**

Parque do Colégio — Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Centro — Fina residência, parte superior com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, sala para TV, 2 banheiros completos. Parte térrea, sala grande em L com lareira, hall, banheiro social, cozinha tipo Kitechen, com armário, sala de jantar, lavanderia, dependência para empregada, jardim, abrigo para 2 carros, quintal. Cr\$... 1.200.000,00. **Oferta Ribeiro**

Jardim Cica — Fina residência, estilo colonial, nova, com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, banheiro social sala com carpete, sala de jantar, cozinha com armários, lavabo, dependência para empregada, lavanderia, abrigo, jardim, quintal grande. Cr\$... 900.000,00 **Oferta Ribeiro**

Malota - Casa — Contendo 4 quartos, 1 suite, 3 banheiros, sal, c/ 83 m2. local p/ piscina, despensa, garagem para 8 autos, terraço em toda a volta, 2 apartamentos para empregada. Área de 5.000 m2. Ótima oportunidade, faltando somente o acabamento. Preço: Cr\$... 1.700.000,00 à prazo. **Oferta Advocacia Predial**

Estrada de Itu - Chácara — Com fina sede, com 2 aptos, armários embutidos, copa-cozinha, banheiro, garagem, sala, barracão, área p/ piscina, cercada, campo de futebol, grande pomar formado, luz e telefone. Preço excelente p/ venda urgente.

Oferta Advocacia Predial

Rua da Padroeira - Casa — Com 1 quarto, grande sala em "L", copa-cozinha, banheiro completo, abrigo para auto. Preço: Cr\$ 300.000,00 com facilidades. Pode ser financiada.

Oferta Advocacia Predial

Jardim Cica - Casa — Na parte alta do bairro, com 2 quartos, sala, copa-cozinha, banheiro, entrada para vários autos, lindo jardim, etc. Preço: Cr\$ 450.000,00. Pode ser financiada.

Oferta Advocacia Predial

Parque do Colégio - Casa — Com 3 quartos, sendo 1 tipo apto. todos com armários embutidos, grande sala em "L", copa-cozinha toda azulejada, salão de festas, garagem p/ 3 autos, fachada toda de pedra, fino acabamento. Preço até o fim deste mês Cr\$ 1.200.000,00; aceita terreno de menor valor como parte do pagamento. **Oferta Advocacia Predial**

Cr\$ 1.200 mil — Chácara Urbana — Com 3 quartos com armários, sendo 1 tipo suite, com banheiro, mais 2 banheiros completos, sala de estar e jantar em "L", sala para TV com lareira, escritório, copa, cozinha com armários, forno, fogão Kitchen e exaustor; hall social, dep. empregada, abrigo para diversos carros, lavanderia, terraço, jardins, etc. Acabamento de primeira,

acarpeta, azulejada, aquecimento central a gás, etc. Pode ser financiada. **Oferta: Itupeva**

Cr\$ 1.300 mil - Parque do Colégio — Em estilo colonial, com finissimo acabamento, de ótima construção, em terreno estaqueado. Nova, com 3 quartos com armários centrais, sendo 1 tipo suite, banheiro triplex, banheiro social, sala de estar com lareira e piso de peroba rosa, sala para TV e jantar, cozinha com armários, exaustor, forno e fogão kitchens, abrigo para 2 carros, lavanderia fechada com armário, jardins, bom quintal, dep. de empregadas, aquecimento a gás etc. Pode ser financiada. **Oferta Itupeva**

Cr\$ 1.000 mil — Vila Progresso — Térrea, com 3 quartos com armário, sendo 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar ampla em "L", copa e cozinha, dependência de empregada, lavanderia, salão de festas, abrigo, etc. Casa nova, em fino acabamento. Alto da Vila Progresso, próximo a Dubar. **Oferta: Itupeva**

SÍTIOS E CHÁCARAS

Figueira Branca — Ocasão. — 6 alqueires e 500m2 - Água corrente, 4 nascentes, pomar de frutas diversas, mata, boa topografia, ótimo para formar clube de campo. Próximo a nova estrada que liga Campo Limpo e via D. Pedro. Preço: Cr\$ 1.000.000,00. **Oferta Ribeiro**

Bairro Bonfim — 8 1/2 alqueires só terra, bosques naturais, córrego, boa topografia, vista maravilhosa, junto a Serra do Japi. Ocasão. Preço: Cr\$.... 100,00 por alqueire. **Oferta Ribeiro.**

Estrada de Itupeva — com 64.000 m2, casa grande, luz,

poço com bomba, plano, 6.000 pés de uva, pomar, córrego, barracão, ótimo para clube de campo. Preço: Cr\$ 1.200.000,00. **Oferta Ribeiro.**

Malota — magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivendo estilo "clássico", 3 dormitórios, 1 suite vestibulo, duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$ 1.800.000,00 **Oferta Central de Imóveis.**

Nova Era — Chácara maravilhosa, 2,5 alqueires excelente vivenda, sala ambiente, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro. 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) **Oferta Central de Imóveis**

Casa de Campo — Cr\$2.500 mil — Maravilhoso sítio, com 2,5 alqueires, de topografia muito bonita, com 5 nascentes, 2 lagos, 1 bosque de pinheiros, 1 casa-sede com 4 quartos amplos, sala de estar, sala de jantar, 3 banheiros, cozinha, varandas e garagem; 1 casa de caseiros, com 3 quartos, sala, cozinha e banheiro; piscina com 65.000 litros, com filtros e bombas, vestiário, quadra de futebol de salão, 1 barracão com churrasqueira, 1 barracão para depósito, 2 estábulos, 5 cavalos, com luz mercúrio, pomar, 5000 pés de eucaliptos, jardins etc. Porteira fechada. **Oferta: Itupeva**

Chácara — Cr\$ 150 mil — Com 5.000m2, plana, com luz, só terra, muito bem localizada, no perímetro urbano de Itupeva, no loteamento Guacuri. Ocasão. Estuda-se pequena facilidade. **Oferta Itupeva**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

ITUPEVA

R. Moreira César, 139 - Fone: 434-9317



RIBEIRO IMÓVEIS

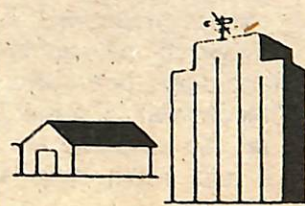
administração e venda

rua Maj. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão de Jundiá, 1080
Fone 434-3311



ADVOCACIA PREDIAL

ALUGA — VENDE — AVALIA.
ADMINISTRA IMÓVEIS E CONDOMÍNIOS.
ASSISTÊNCIA JURÍDICA.

R. Rangel Pestana, 419 - Fone: 434-3473 - Horário das 8:00 às 19:00 hs.



DE MORTUIS...

E agora chega de revolução: daquela de 1924 se bem me explico, que de coisas de antanho ninguém cuida.

Pois de uma feita contei de como o povo tinha sofrido entre treis fogos, duma banda os legalistas, doutra os revoltosos, bombardas e canhões de assustar defuntos e no meio da gentarada a fome. A fome era maior do que a boca, tiritavam de frio e sofriam de balas e estilhaços.

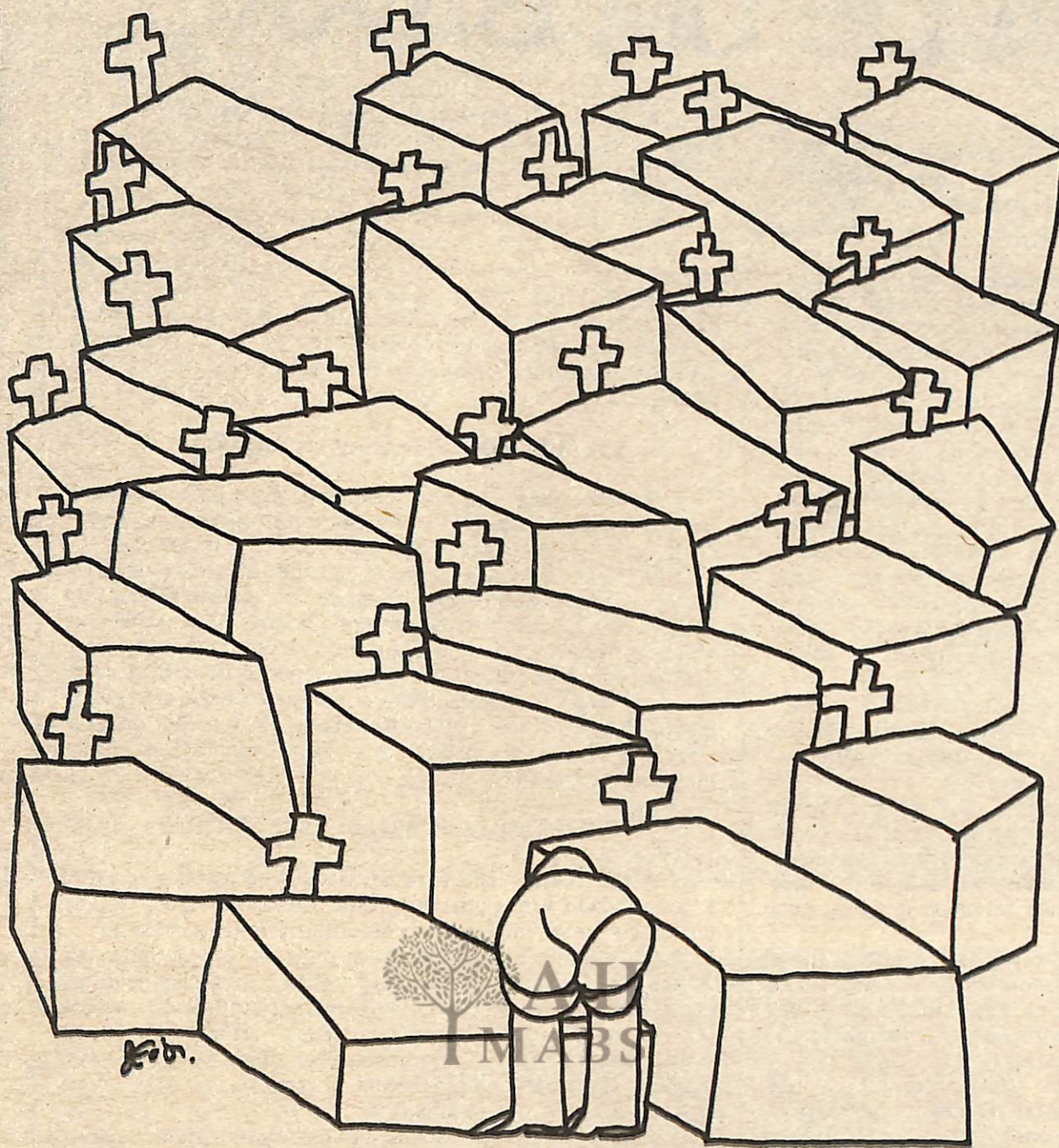
Por fim a revolução se acabou: só para os soldados, que o povão continuou entre os fogos. Quando Deus dá a água, o diabo fura a caneca, assim a ventura da paz colocou a comunidade presa entre a oligarquia dominante apupada e a oligarquia dominada e uivante.

E como não bastasse desgranha tão grande, estralava no meio do povão a politicalha, qual fogareu em bambuzal e taquara-póca.

Outras revoluções vieram e se foram sem que se soubesse por inteiro dos motivos da bulha. Uma delas foi levada tão a sério que até soldados morreram. E muitos. Ouvi dizer, qu'eu não garanto nada, que alguns deles, até bastantinho, morreram de tiro; os demais morreram de maus tratos revolucionários, que andar sob sol e chuva, que passar a noite marchando e insone, que andar no frio, não há quem resista, só mesmo morrendo. E morriam de pneumonia, de tosse, de dor nas tripas, de revolução. Houve até um tal que o dedão do pé machucado acabou morrendo de gangrena. Causa mortis: unha engravada.

Pra que não aconteça de me apontarem na rua — lá vai o potoqueiro! — devo dizer que uns tantos, bastante até, morreram vítimas de arte guerreira.

Também, nessa vassidão, pra achar o "inimigo" era uma tristeza, não se encontravam nem de propósito. Todos à procura do tal "front" e qual!



Terminada a revolta o povo voltou para o trabalho: que a precisão era muita e tinham que se matar no eito, rodeado por oligarcas, partidos e, de cambulhada, os políticos. Ah! os políticos.

Dos políticos, oligarcas e revolucionários, eu bem que gostaria de contar coisas, mas uma grande parte já morreu e "De mortuis nihil nisi bonum" dos mortos nada se diga senão o bem. E dos vivos que ainda aqui estão, algumas dezenas, ou centenas, quem sabe? oligarcas, políticos, ex-soldados, etc., uma grande sùcia.

Lógico que há exceções, e muitas. Seu tio, por exemplo, aquele meio capenga, fe-

rido na revolução, maldita cerca tinha que estar ali, arame farpado belga? homem bom e valente, de uma feita quase morrera sufocado na corrida que deu, o ar faltando, aquela dor tão grande na cintura, o coração batendo aqui em cima, dos dois lados do pescoço. E nem 'tou falando daquele parente de você aí, aquele sim era até santo, nunca matou ninguém, foi um voluntário, quem haverá de resistir ao cartaz com um soldado apontando pra gente?

Homem desprendido, fez até questão de levar a sua arma, calibre 20 de dois canos, não acontecesse de topar com um bando de perdi-

zes ou, quem sabe? uma pomba rola ou mesmo, tudo é possível, um jaó? Como perder uma oportunidade dessas?

E eu sei, tenho visto e os meus próprios zolhos, muita gente vivinha da silva que sofreu e ainda sofre de revolução, mal incurável, mal crônico, gente heróica, enquanto não morrerem de tiro não sossegam.

É também verdade que uns poucos eram aproveitadores e aventureiros. Uns poucos.

E os partidos então, gostosura de tempo bom, muitos partidos, era oito por um vintém.

Tinha o PRP, meu pai, que Deus o tenha, era pe-erre-pista, s'ele fosse votar hoje istou certo que votaria no Washington, o tal de Vó-xito Luiz falado e cantado na rima e na viola, paulista de Macaé. Votar no Arthur Bernardes isso é que não, que nunca se afeiçoara ao tal de bernardismo. Talvez votasse no Macedo Soares, ou — quem sabe? até no Firmiano Pinto. O que? Carlos de Campos? Qual o que, homem mais disfarçado, vira-casacas e tal e coisa. Meu falecido pai não era dado ao uso de nomes feios, isso não, respeitador tav'ali, Mas em política, às vezes perdia o ar bonachão. Que não admitia intrujices, que não ia com os entreguistas, que não aceitava demagogia.

— O deputado Fulano? Esse que não, não voto, todos sabem qu'ele é um filho de uma pulga e que vá pra catapulta do navio.

Aí ficava meio avexado, sem graceira tão grande e er' assim patati, patatá.

A Política sempre apaixonou os bons cidadãos, os amantes da Pátria. Não se furtavam aos compromissos e às lutas.

Um dia o PRP virou UND, Fiel às origens, quem era udenista era pe-erre-pista até a morte.

Hoje tá tudo diferente, Só dois partidico, e ninguém sabe quem é deste ou daquele.

— Isso não, você tá enganado, não me filiei ao partido, não sou nada e nem quero ser.

— Mas me parece, Zé, qu'eu vi seu nome no livro...

— Bom, uma vez me deram um papel pr'assinar, não quis contrariar o compadre...

— Intão ocê 'é filiado!

— Só pra enganar, de mentira...

São os cidadãos mortos. Mortos de minha terra, ressuscitem!

O Bartimeu

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR
E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECOIAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6396
434-6596 e 434-6796.



CONSTRUTORA
JUNDIAÍ LTDA.

r. Siqueira de Moraes, n. 57B
8. andar - conjunto 801 C

OS PADRES QUE MUDARAM A VIDA DE UM BAIRRO

Quando Julio, Renato e Paulo chegaram do Canadá, em 1968, a Vila Hortolândia, onde eles foram morar, era o folclore da cidade. Uma espécie de faroeste, diziam. Brigas, assaltos e mortes eram assunto diário. O bairro vivia em total abandono, com sérios problemas de desemprego e de grupos marginalizados.

Júlio, Renato e Paulo são missionários canadenses, da ordem de São Vicente de Paula. Os dois primeiros são padres, Paulo é irmão leigo. Nestes nove anos eles mudaram a face da Vila Hortolândia. É certo que os problemas sociais mais profundos existem ainda, mas a comunidade está mais unida, solidária e consciente. E as obras sociais e de catequese dos missionários canadenses continuam em pleno desenvolvimento.

A partir de sua chegada, os missionários iniciaram uma série de atividades, preocupando-se primeiramente em resolver os problemas mais urgentes. Realizaram cursos de datilografia, arte culinária, artesanato, bordado e corte e costura, tentando assim preparar as pessoas para que conseguissem uma colocação na cidade. Paralelamente, criaram uma espécie de agência de empregos que, só nesse período, colocou mais de 100 mulheres como empregadas domésticas. Todos os trabalhos sempre contaram com a colaboração de voluntários.

Aliás, desde o princípio, esses padres seguiram um sistema de trabalho: eles organizam, fazem contatos com os grupos, e em seguida os próprios participantes ficam responsáveis pela coordenação das atividades.

Iniciaram cursos de alfabetização, com professores do Mobral, mas com pessoal recrutado por eles. "Aliás — como explica padre Júlio — essa é uma boa política. Juntamente com os órgãos existentes, realizamos nosso trabalho. No caso da alfabetização, por exemplo, não teríamos recursos para realizar tudo sozinhos".

Tiveram também um ambulatório, com médicos trabalhando gratuitamente, que funcionou durante alguns anos, pois não haviam unidades médicas na Vila Hortolândia. Realizavam a Campanha do Quilo, distribuindo mensalmente alimentos a todas as famílias necessitadas.

"A assistência era centralizada — fala padre Júlio — um trabalho mais anônimo. Deu-se então o primeiro passo para um contato mais direto com as pessoas".

Hoje existe, por exemplo, o SAF (Serviço de Auxílio Fraternal): em cada quadra há um grupo que se responsabiliza pelas famílias mais pobres. Assim, com o auxílio de outros grupos, são tomadas as providências nos casos de falta de alimentos, roupas ou empregos. Há casos de pessoas idosas ou doentes que são totalmente dependentes desses grupos. Conforme diz padre Júlio, "existe sempre uma média de 40 famílias sendo auxiliadas".

UMA OBRA DA COMUNIDADE

Enquanto os pais, na maioria operários e empregadas domésticas, estão trabalhando, cerca de 40 crianças ficam na Creche — a mais recente obra do Centro Comunitário. Ela foi construída com a ajuda de pedreiros, carpinteiros, encanadores, enfim de todo pessoal da comunidade, que conseguiu transformar uma velha casa de aluguel em uma bela creche. Por enquanto a creche, abriga 40 crianças, mas teria capacidade para mais 60, se a comunidade tivesse verbas para pagar salários a algumas pessoas. "Mesmo assim não seria suficiente — afirma padre Júlio — pois o bairro necessitaria de uma creche com mais ou menos 400 vagas".

As crianças passam o dia brincando, comem nos horários certos, dormem e seus pais vêm buscá-los por volta das cinco horas. Aí eles votam para suas casas onde já vivem os mais sérios problemas. Dona Maria José Paiva, por exemplo, é avó de quatro crianças que adotou, pois o pai sumiu e a mãe abandonou a casa. Ela tem mais três filhos e todos vivem com uma pequena pensão do marido (aposentado por invalidez) e com o salário de um dos filhos. Os netos Kely e Claudinei, passam o dia na creche, o que já é um grande alívio para Maria José: "dá pra ir olhando por elas, mas Cristo! E pra comer, vestir, calçar? E ainda três que estudam. Esse mês tá um perereco, falta material pra um, pra outro. Precisa ver o quanto eu tenho sofrido. Agora vai chegar o tempo do frio e tá tudo sem roupinha. Quero só ver como vou fazer. Ao menos de dia, enquanto os dois ficam aqui, na creche, já é um descanso para mim".

A situação de dona Isabel Rincão, mãe de duas crianças da creche, também é das mais difíceis: "eu tenho marido mas não tenho. Antes as crianças ficavam com minha mãe, enquanto eu trabalhava no restaurante, mas meu irmão judiava muito

deles. Agora dois ficam aqui e a outra vai pro trabalho comigo. Então a gente vive com 700 contos e eu precisava conseguir mais trinta por mês, pra ver se colocava a outra aqui também, mas do jeito que tá esses trinta ia fazer muita falta".

Esses trinta cruzeiros de contribuição para a creche são, em muitos casos, uma quantia impossível, como diz dona Aparecida Pierobon, a responsável pela creche: "Tem um mulher aqui em cima que tem nove filhos e é a única que trabalha. Então, três de suas crianças ficam aqui sem pagar. Nós temos umas 50 inscritas, esperando vaga, mas a gente não pode pegar mais sem aumentar o número de pessoas pra cuidar. Ficaria bagunçado".

UM NOVO PROBLEMA DO BAIRRO

"E agora surge um novo problema — diz o padre Júlio preocupado — uma favela. Um bairro que está progredindo, de repente se vê numa situação de regresso. Existem famílias ótimas, de gente trabalhadora, mas que estão diante de uma realidade: com os salários que recebem, ou pagam aluguel, ou comem. Nesse caso, pouco estamos podendo fazer, a não ser visitas assistenciais, reuniões, ou então ajudar na construção dos ranchos. Mas estamos sempre avisando o pessoal que esta é uma situação provisória. Por enquanto, estamos em fase de busca, estudando algumas possibilidades de solução, para depois, talvez, entrar em contato com a Prefeitura e propor um plano de trabalho".

CRIANDO UM ESPÍRITO COMUNITÁRIO

"Alguns cursos deixaram de ser tão necessários, e agora a comunidade vem podendo prestar outros serviços, visando entrosar e criar um espírito comunitário entre as pessoas" — explica padre Júlio. Formam-se grupos de pré-adolescentes, adolescentes, jovens e casais, que realizam dinâmica de grupo e participam de atividades religiosas. Famílias se reúnem para rezar, dialogar e, como eles dizem, "conviver". "Outra coisa própria daqui — acrescenta padre Júlio — é a catequese familiar, onde damos prioridade à orientação dos pais no que se refere à primeira comunhão".

Alguns grupos que frequentaram e frequentam a comunidade, tiveram uma vivência maior de partilha, como no caso das "Gaivotas", que já têm alguns membros vivendo juntos. Eles preferem não falar nada a respeito do grupo pois, como um deles comenta, "os atos dizem". Um dos trabalhos que esse pessoal iniciou foi a alfabetização de sete meninos que viviam completamente marginalizados no bairro.

Outro grupo que se formou foi o "Catecuminato". São duas turmas com cerca de 60 pessoas que "têm uma finalidade mais religiosa, se aprofundando na doutrina Cristã, uma vivência da palavra de Deus" — explica Marlene, secretária do Centro Comunitário e participante dessa comunidade. Eles seguem um método trazido por três catequistas alemães, que continuaram pregando por outras cidades brasileiras. No sábado há uma celebração litúrgica, maior que uma missa comum, e às terças-feiras lêem textos bíblicos, interpretam e meditam. Sobre os resultados dessas atividades Marlene fala: "eles mostram que o mais importante é o espírito, a fraternidade, que temos que nos desvencilhar da ambição. Isso é muito difícil nessa sociedade e ainda mais numa idade como a minha. Mas às vezes a gente nota que se desenvolveu, que se desprende. Veja, por exemplo, que no sábado, quando todos os jovens saem, a gente vem pra cá, por vontade livre".

UM TRABALHO DIFÍCIL

Há anos que padre Júlio, padre Renato e irmão Paulo não param de trabalhar e, por incrível que pareça, ainda não têm sua própria casa paroquial. Padre Júlio explica essa ideologia:

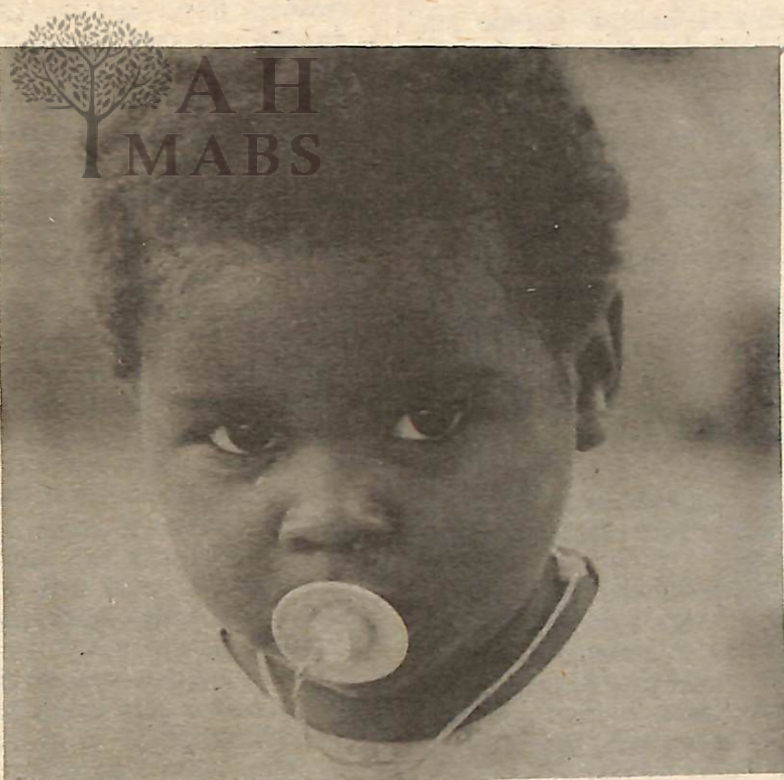
— Como religiosos de São Vicente de Paula, nós, por tradição, vocação, ou por objetivo, trabalhamos nos bairros mais pobres, mais periféricos, dando atendimento à família operária nas diversas formas de pobreza e aos jovens. Então a gente não procura um lugar já organizado. Começamos tudo, e às vezes a gente sofre com isso".

Nunca houve algo totalmente independente; os missionários sempre tiveram a colaboração de pessoas, mas não há dúvida de que sem suas iniciativas muitas melhorias não teriam ocorrido. Como estímulo para seu trabalho, eles olham em volta e vêem que ainda há muito por fazer; como gratificação, basta-lhes algo como a alegria das crianças da creche. (Lêda Cassins).





Mais de 40 crianças passam o dia na creche do Centro Comunitário da Vila Hortolândia. São filhos de operários, de empregadas domésticas. Se os pais pudessem, a creche teria lugar para 400 crianças. Fotos de Renato Bezzan.



O INGÊNUO (E PERIGOSO) APELO DO VEREADOR AO PREFEITO FÁVARO

Dias atrás, o vereador Duílio Buzanelli fez, da tribuna da Câmara, veemente apelo ao Executivo Municipal no sentido de que se procurassem novos recursos para dar continuidade às obras da Andrade Gutierrez em Jundiá. Se essa manifestação tivesse ocorrido na Câmara anterior, dominada pela famosa maioria encabrestada, não seria de se estranhar. Mas causa arrepios ouvida assim num Legislativo renovado, cuja preocupação maior é, ao que parece, restabelecer a imagem de dignidade da Casa, tão prejudicada com os negros acontecimentos dos últimos 4 anos.



Duílio: visão provinciana.

Todo o mundo sabe que o contrato de obras da Gutierrez com a Prefeitura de Jundiá é de uma imoralidade sem tamanho. Os serviços de construção do Sistema Viário vêm sendo realizados por essa empreiteira a preços absurdos, que representam um assalto descarado aos cofres públicos. Tal situação tem que ser combatida pelos representantes do povo, e não defendida, como se viu.

O Sr. Duílio Buzanelli justifica sua posição dizendo que, com o auxílio da própria empreiteira, Jundiá poderia obter verbas vultosas da EBTU, a título de "fundo perdido", portanto sem necessidade de retorno. Ora essa! Seja verba municipal, seja estadual, seja federal, seja do BNH ou da EBTU ou de que sigla for, seja empréstimo restituível ou fundo perdido, tudo isso são recursos públicos, e dinheiro do povo não é para ser usado em contratos imorais!

O sr. Duílio Buzanelli parece estar impressionado com o "grande porte" da construtora Andrade Gutierrez, conforme se pôde observar no seu pronunciamento. Realmente, a empreiteira exibe com ostentação sua pujança e prosperidade, conseguidas principalmente com os resultados de grandes obras públicas como a estrada Transamazônica, a ponte Rio-Niterói, a Ferrovia de Aço, e agora a Via Norte e Itaipu. Mas, a valer o exemplo de Jundiá, esse "grande porte" é para ser olhado não com respeito e admiração, mas com repulsa e desconfiança, pois pode simplesmente refletir a acumulação de lucros gordos e fáceis, como os obtidos aqui.

Talvez o sr. Duílio Buzanelli esteja ofuscado com as sucessivas demonstrações de influência, prestígio e poder da Gutierrez junto aos órgãos federais. De fato, lembrando o episódio da autorização de empréstimos a Jundiá pelo Senado da República, quando os senadores arenistas se uniram num rolo compressor para garantir a vinda de recursos fabulosos para as obras da empreiteira privilegiada, como esperar atitude diferente do edil da província?

Mas é preciso lembrar uma coisa. A aceitação e o aval de altas esferas não altera o caráter do ato imoral. Ao contrário, torna-o mais revoltante. Esperamos portanto que os nossos vereadores não se deixem impressionar com o porte, o poder e a influência da grande empreiteira, e se oponham ao contrato escandaloso que tanto prejuízo já causou ao nosso município. (F.A.O.)

ÔNIBUS: NESTA SEMANA, O ÚLTIMO CARTUCHO DAS SUB-CONCESSIONÁRIAS.

Três semblantes sombrios ficaram na frente do prefeito Pedro Fávaro na tarde de terça-feira passada. Eram os diretores das empresas que tiveram de ceder suas sub-concessões à Auto Ônibus Jundiá por força de um contrato firmado em 75, entre ela e a Prefeitura. Foi mais uma tentativa para se resolver o impasse dos veículos e funcionários parados nas garagens da Viação Jundiáense, Auto Ônibus Três Irmãos e Auto Ônibus Chechinato.

De novo, o prefeito se manteve na posição de dar o apoio que fosse necessário, mas evitando um confronto direto com a concessionária. Isto porque a Prefeitura tem o poder de anular o ato, como sucedeu com a lei que permitiu sua elaboração.

O contrato, que começou a vigorar na segunda-feira passada, proibiu as sub-concessões. Com isso, a A.O. Jundiá retomou suas antigas linhas, sub-contratadas para as outras empresas há muitos anos. As consequências, previsíveis, aconteceram: 60 carros parados e mais de mil funcionários, entre motoristas e funcionários afins, sem nenhuma ocupação.

Os empresários tentaram, em vezes anteriores, conseguir com que a Prefeitura anulasse com um ato administrativo, o contrato que os privou de suas linhas. Isso pareceu à administração municipal bastante temerário, pois os cofres públicos poderiam correr o perigo de serem mais esvaziados por uma ação indenizatória, já que a A.O. Jundiá efetuou a compra de 60 novos ônibus para cobrir todas as linhas.

Por outro lado, o advogado Flávio Del Prá, representando as três empresas, impetrou um mandado de segurança há dois anos, quando o contrato foi assinado para impedir a paralisação das empresas. A medida li-



A Auto Ônibus Jundiá, em quase toda a cidade.

minar não foi concedida e um acórdão ordenou o cumprimento dos dispositivos contratuais.

A nova administração municipal também arregaçou as mangas e entrou com uma ação na Justiça para anular o contrato. A via judicial, apesar de muito mais demorada, aparentemente tirará a prefeitura do caminho de uma futura indenização.

Depois de verem frustradas suas tentativas, via administração pública, os ex-concessionários ficaram com apenas um único cartucho de curto prazo: o pedido para serem assistentes no processo de anulação e, posteriormente, a entrada de uma ação cautelar. Esse recurso legal é usado para prevenir danos, enquanto a Justiça não se pronuncia definitivamente a respeito da questão.

No caso, é preciso que, antes disso, o juiz aceite as três empresas como assistentes no processo, já que tem interesses seus em jogo. Nessa situação, terão o direito de entrar com a ação cautelar, solicitando à Justiça a permissão de trabalharem até que o processo seja encerrado, para evitar os prejuízos que já começaram a sofrer.

Durante esta semana, esse cartucho será deflagrado pelas empresas. Será o último tiro. Se não acertar o alvo, terão de esperar os longos trâmites judiciais para saberem se poderão ou não voltarem ao trabalho. Mas se isso realmente ocorrer, poucas serão as chances das empresas suportarem o ônus provocado pela paralisação dos serviços.

Na reunião de terça-feira, ocasião em que vários vereadores também estiveram

presentes, Eugênio Chechinato (Auto Ônibus Chechinato), Aldo Murari (Auto Ônibus Três Irmãos) e Izeu Calegari (Viação Jundiáense), tiveram de se contentar com apenas o apoio — irrestrito, segundo se comentou — dos poderes Executivo e Legislativo para a solução do impasse. Isto, no entanto, parece pouco para contornar os prejuízos.

A mais atingida foi a Viação Jundiáense que, conforme comentou seu desolado diretor, está deixando de receber 40 mil cruzeiros por dia e tendo de pagar 15 mil de obrigações. Com um prejuízo de Cr\$ 55 mil diários, dentro de poucos dias nada mais restará ao bondoso Izeu Calegari, que ficou apenas com a linha do Castanho.

Enquanto isso, os irmãos Orivaldo e Omayr Zomignani se mantêm firmes na decisão de continuar com a Auto Ônibus Jundiá circulando por quase toda a cidade. As presumíveis vantagens de seus 60 novos veículos estão beneficiando poucos usuários.

As linhas de Campo Limpo e Vila São Sebastião, até a semana passada, estavam sendo atendidas pelos velhos carros, praticamente sem conforto nenhum para seus passageiros. Ao lado disso, ouvem-se comentários que circulam nos meios jornalísticos e políticos da cidade sobre irregularidades na empresa.

Uma delas seria o da admissão de grande número de motoristas com duvidosas carteiras de habilitação expedidas em Mato Grosso, com uma possível convivência do sindicato de classe. Além disso, para suprir a falta dos condutores, alguns mecânicos estariam exercendo, irregularmente a função. (C.K.I.)

CONHEÇA O BRASIL.



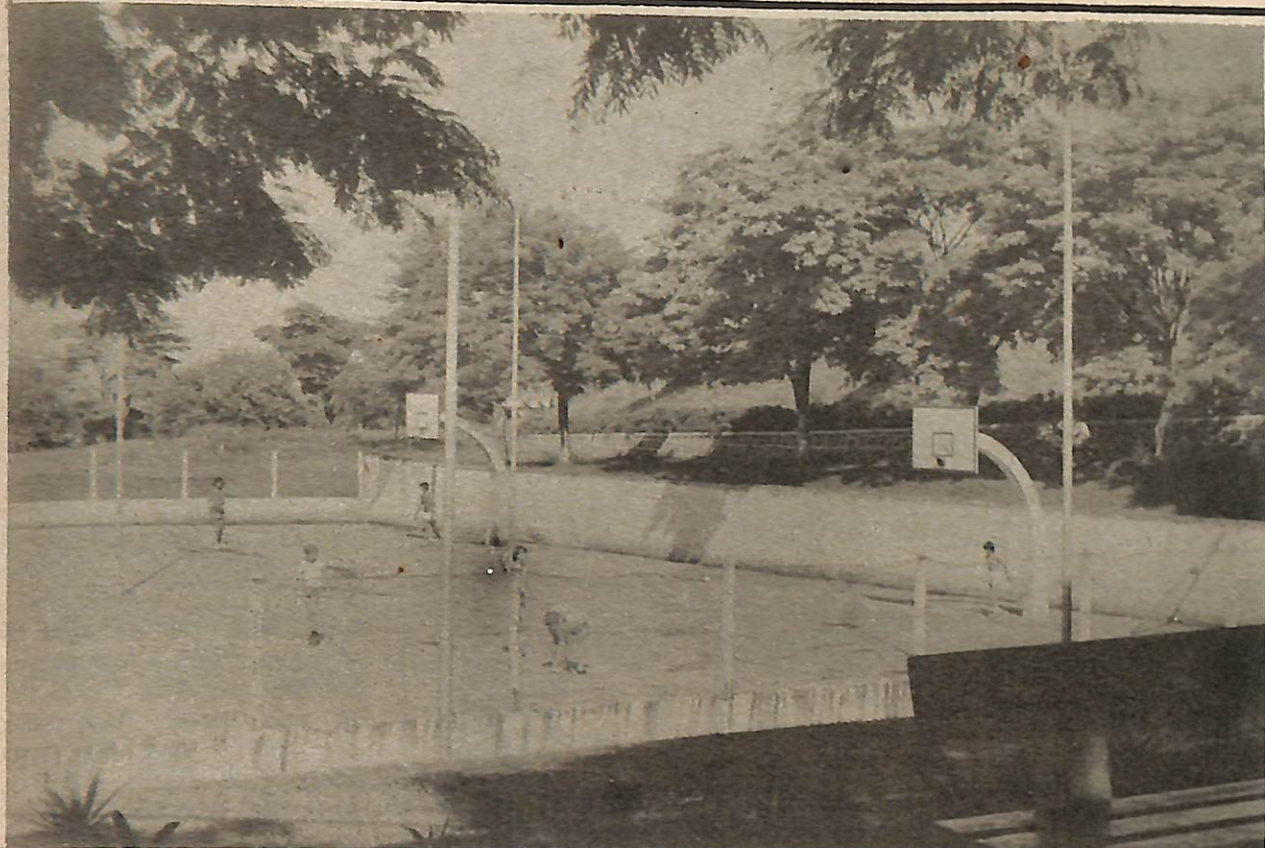
Existem muitos roteiros para você escolher. Venha nos visitar, ou consulte-nos. TURISMO CHECHINATO Ltda. Rua Barrocinho do Japi, 260. Fones: 436-7004 e 434-0562.



MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial — JUNDIAÍ

R. Senador Fonseca, 1150 - fones 434-4482 e 436-5086
SAO PAULO CAMPINAS

Filial Matriz
Fones: 31-3403 e 31-4303 - Fones 227-0419 e 227-0453



Para as quadras externas do Bolaço, uma cobertura.



Luiz Geraldo: fé nos novos planos.

O ESPORTE JUNDIAIENSE ESTÁ COMEÇANDO A RESSUSCITAR

Um sopro reanimador está começando a ressuscitar o falecido esporte amador de Jundiaí desde que o novo coordenador do Departamento de Educação Física, Esportes, Recreação e Turismo — Defert — Luiz Geraldo Basile Lacerda tomou posse. Pelo menos, suas primeiras medidas — o início de todo um programa já delineado — tramitam na burocracia da Prefeitura.

Ele pediu uma dotação de verba para poder ativar os clubes esportivos da cidade, com vistas aos Jogos Regionais, que serão em julho. Isso não foi nenhuma inovação, pois antes da tempestuosa administração anterior, os clubes recebiam essa subvenção para poderem se manter.

Com a criação do Defert, a verba foi cortada. E o caminho para o precipício financeiro dos clubes foi rapidamente percorrido, exceto o Colégio Divino Salvador, que manteve suas equipes de basquete. O que continuou funcionando foi o futebol amador, varzeano e de salão, mesmo assim nas precárias condições que todos conhecem.

O coordenador, usando os dispositivos das leis 1905 e 1035, solicitou as subvenções para os clubes esportivos, dadas diretamente pela Prefeitura ou através da CCE. Em contrapartida, as agremiações se obrigam a fornecer técnicos e atletas para representar Jundiaí nos Jogos Regionais e Abertos.

Mas, a cidade ainda está se ressentindo do vendaval que assolou suas finanças nos últimos quatro anos. Por isso, conforme disse o prefeito Pedro Fávoro, a questão só

será decidida depois de feita a reformulação do orçamento e estudada a parte que poderá ser destinada para esse fim.

— Em bases mais reais — falou o prefeito — vai ser possível estudar quanto a Prefeitura poderá dispor para isso. Dentro de uns trinta dias já teremos a resposta.

Enquanto se aguarda, a equipe do Clube Olímpico vai continuar com seus treinos de vôlei, como esteve fazendo na terça-feira passada na quadra interna do Ginásio de Esportes "Dr. Nicolino de Lucca". Luiz Geraldo não chegou a se comprometer com esses atletas, mas eles estão se preparando para representar a cidade com a esperança que saia a verba necessária.

As outras agremiações que deverão receber o auxílio serão o Colégio Divino Salvador, Associação Jundiaíense de Atletismo, Associação Esportiva Jundiaíense, Liga Jundiaíense de Futebol, XIII de Agosto (xadrez), Clube Recreativo São João (tênis de mesa), Clube Jundiaíense (tênis de campo e natação), Academia Fagundes (judô) e os praticantes de ciclismo e halterofilismo. Com o dinheiro público, eles terão de se preparar para fazer uma boa figura nos próximos Jogos Regionais, possivelmente em Rio Claro, por causa de recusa em sediá-los de Jundiaí e São José do Rio Preto.

Essa é a esperança de Luiz Geraldo que, apesar da exiguidade de tempo, acredita numa boa performance dos jundiaíenses. Talvez não dê para conquistar títulos, mas muito provavelmente não repetirão os vexames passados.

O mais importante, porém, não são essas medidas a

curto prazo, para solucionar apenas o problema dessa promoção poliesportiva, e sim os planos que o coordenador do Defert tem preparados para ativar o esporte em Jundiaí. Essa ambição, no fundo, é uma verdadeira mina de revelações dos nossos futuros craques.

Luiz Geraldo, ex-campeão de vôlei e atual assistente técnico da Divisão de Esportes do SESI, não está prometendo um milagre saído de alguma fórmula alquimista. Muito pelo contrário, ele até insiste em dizer que não inovará nada, apenas trará experiências que tiveram sucesso em outras cidades.

Para isso, uma de suas primeiras providências foi a elaboração de um relatório ao prefeito da atual situação do ginásio de esportes e de todos os centros esportivos municipais. E também fez uma lista das reparações e ampliações necessárias para poder colocar em funcionamento seu plano.

Ele propôs o fechamento dessas praças esportivas durante 60 dias, exceto para as escolas poderem ministrar as aulas de educação física. Depois disso, o que deverá ocorrer já no mês que vem, os professores (três em cada unidade) começarão o trabalho, de estrutura bastante simples, ao mesmo tempo em que abre uma ampla janela de perspectivas.

Inicialmente, nos centros esportivos serão aceitos os candidatos a atletas de 6 a 18 anos. Em temporadas bimestrais, todos terão oportunidade de passarem por várias modalidades esportivas. Empunhando uma raquete de

tênis, tentando encestar uma bola, driblando os adversários para chegar ao gol, os garotos irão demonstrar onde estão suas maiores potencialidades.

Assim que os professores tiverem em mãos futuros craques, deverão encaminhá-los aos clubes específicos da modalidade para o necessário aperfeiçoamento. Então, as luzes dos refletores das quadras irão iluminar os novos triunfos esportivos dos jundiaíenses, há tanto tempo carente de heróis.

O coordenador do Defert tem fé em seu plano. Para ele, o marasmo de que o esporte jundiaíense está atacado tem um único motivo: a falta de motivação. E é justamente isso que está se propondo a dar, pois crê que atualmente há muitos atletas, na obscuridade da falta de apoio. Explica:

— Se um jogador passa 10 anos participando apenas dos Jogos Regionais e Abertos, no fim ele será um atleta velho mas sem experiência. Então é preciso a promoção de campeonatos na cidade para motivar os atletas a jogar. Com isso, além do aperfeiçoamento técnico, eles terão a necessária experiência para enfrentar campeonatos de maior envergadura.

Para o início desse trabalho, Luiz Geraldo está precisando de cobertura nas duas quadras externas do ginásio municipal, mais a construção de duas outras; reforma da pista de atletismo que está com metragem superior ao padrão oficial; melhor aproveitamento do espaço físico do Centro Esportivo "Dal Santo", com ampliação do parque infantil, construção

de piscina e quadra coberta; mais um centro esportivo na cidade, possivelmente na Ponte São João ou Colônia; e outras reparações de menor porte.

Com tudo isso, os candidatos a atleta preencherão uma ficha e terão um carteirinho estipulando o horário em que eles deverão frequentar o centro. E assim começará uma nova era esportiva em Jundiaí, que já teve gloriosas atuações nos campeonatos estaduais. (C.K. I.)

(Luiz Geraldo Basile Lacerda entrou numa quadra de vôlei pela primeira vez em 1948, no campeonato colegial da cidade. De 54 a 63 participou de campeonatos na equipe que representou a cidade. Com ela, foi campeão em 4 Jogos Abertos, 9 Jogos Regionais, 6 no Troféu Bandeirantes, 2 nos Jogos Abertos de Poços de Caldas e 3 vezes vice-campeão estadual. É casado com Rosa Maria — ex-jogadora de vôlei, tem 3 filhos e 41 anos. Formado pela primeira turma da Faculdade de Educação Física de Jundiaí, é assistente técnico da Divisão de Esportes do SESI e também advogado)

**LEIA E ASSINE
O JORNAL DE 2a
Fone- 434-8648**



JORNAL
DO
DISCO



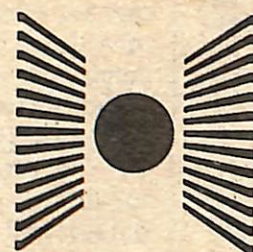
Entre na corrente da segurança.



Faça seu dinheiro crescer sempre mais!

Com uma Caderneta de Poupança Habitacional APE você tem tranquilidade. É a certeza de correção monetária trimestral e dividendos - com absoluta segurança. Abra uma Caderneta de Poupança Habitacional APE. Lembre-se que dinheiro chama dinheiro. Veja o que a Habitacional APE fez pelos seus clientes em 1976:

COMPORTAMENTO DE UM DEPÓSITO DE Cr\$ 10.000,00 NO ANO DE 1976		
CADERNETA DE POUPANÇA HABITACIONAL A P E		
1/01/76-SD		10.000,00
1/04/76-CM	667,50	10.667,50
1/07/76-CM	927,01	11.594,51
1/07/76-DV	516,69	12.111,20
1/10/76-CM	1.075,60	13.186,80
1/01/77-CM	1.200,13	14.386,93
1/01/77-DV	632,45	15.019,38
RENDA FINAL DO ANO - 50,19		



Caderneta de Poupança
Habitacional APE

Campinas • São Paulo • Americana • Jundiaí

Uma boa novidade neste fim de mês: o LP "Meia Noite", de Maria Creuza. Lançado há pouco tempo, sua aceitação vem aumentando a cada dia, a ponto de já ser citado em algumas paradas de sucesso. Destaque para "Castigo", de Dolores Duran, "Fim de Noite", de Chico Feitosa e Ronaldo Bôscoli e "Você e Eu", de Vinicius de Moraes, em parceria com Carlos Lira.

Enquanto "Meia Noite" começa a aparecer, "Geraes" continua vendendo bastante. Quem ainda não ouviu Milton Nascimento cantando "Volver a los 17", com Mercedes Sosa e "Circo Marimbondo", com Clementina de Jesus, deve ir correndo à loja de discos mais próxima. Quem ainda não ouviu "Que será, que será", onde ele canta junto com Chico Buarque, deve ser internado imediatamente: o caso é grave.

Donna Summer acaba de lançar um compacto duplo intitulado "Four Seasons of Love", onde ela interpreta quatro músicas representando as estações do ano. No lado A, "Spring Affair" e "Summer Fever"; no lado B, "Autumn Changes" e "Winter Melody".

A Phillips brasileira autorizou e a Paramount vai incluir na trilha sonora de "Sorcerer", filme dirigido por William "O Exorcista" Friedkin, músicas gravadas por Chico Buarque e Maria Bethânia. São três: "Quem te viu e quem te vê", "Vai levando" e "Cotidiano".

Dica para os saudosistas: procurem nas lojas de disco o LP "A Era de Ouro da Guarânia", da Fontana, com "Los Hermanos Lopez y su Harpa Paraguaya". Além de músicas antigas, como "Índia" e "Noches Del Paraguay", o disco contém "Gracias a La Vida", de Violeta Parra, que já foi gravada por Joan Baez e Elis Regina, entre outros intérpretes.

Para quem gosta de música clássica "Bernard Haitnik" lançamento da Phonogram, série Personalidades (volume 11). São dois álbuns, com a Orquestra Filarmônica de Londres e a Orquestra do Concertgebouw de Amsterdã, sob a regência de Bernard Haitnik. No primeiro disco, lado A, "Abertura Trágica", de Brahms, e "A Batalha dos Hunos", de Liszt; no lado B, "Os Prelúdios" (poemas-sinfônicos n.os. 3 e 4), de Liszt. No outro disco, a melhor música do álbum "Música para Cordas, Percussão e Celesta", de Bartock, no lado A. No lado B, "Suite Orquestral" de Zoltan Kodaly e Hary J anos.

Em poucos dias, o novo álbum de Neil Diamond, "Love At The Greek" (gravado ao vivo, no Teatro Grego, em Los Angeles), rendeu um milhão de dólares. São 21 músicas (lançadas num show promovido pela cadeia de televisão NBC), que já estão chegando ao Brasil.



UMA SEMANA HORROROSA NO MARABÁ. CULPA DO DIABO.



Les Remick está em "A Profecia", no Marabá.

O NOVO FILME DE WOODY ALLEN

Le Prête-Nom (The Front) filme americano de Martin Ritt, com Wood Allen e Zero Mostel.

Martin Ritt pertence a esta geração de diretores americanos que, tendo surgido nos anos 50, ficou conhecida como "Escola de Nova York". Seu objetivo era opor-se a Hollywood, numa época em que a grande indústria americana conhecia sua grande crise ao mesmo tempo em que a Europa começava a descobrir a teoria do "filme de autor". A Escola de Nova York vai se situar portanto ao meio caminho entre a "nouvelle vague" francesa e Hollywood, mas seus filmes não chegarão a marcar o cinema americano, excessão feita a **Shadows**, filme de estréia de John Cassavetes.

A inovação dos nova-yorkinos será portanto, e principalmente, introduzir um pensamento de esquerda no cinema americano. Os resultados talvez não tenham sido desastrosos, mas na época serviu sobretudo para confirmar que o bom cinema americano era o feito em Hollywood.

Como Sidney Lumet, como Cassavettes, Martin Ritt acabaria voltando a Hollywood para, depois de uma série de filmes relativamente inexpressivos, dirigir **The Front**, talvez a primeira ocasião em sua carreira em que suas idéias e seu talento colam de maneira completamente feliz. O argumento do filme é forte: em Hollywood, durante o período da "caça às bruxas", um caixa de bar aluga seu nome a três escritores que, por fazerem parte da "Lista Negra", encontravam-se impedidos de escrever. O caixa (Wood Allen) acaba por se tornar um escritor famoso e, automaticamente, começa a ser investigado pelo tristemente célebre Comitê das Atividades Anti-Americanas.

Em primeiro lugar, Ritt teve uma felicidade imensa em escolher Wood Allen

para o papel principal, o que lhe garantiu um contraponto admirável entre o cômico e o patético. O mesmo se pode dizer de Zero Mostel, no papel de um comediante impedido de trabalhar pelo Comitê. Allen é o centro do filme: embora sabendo que por trás de sua nova atividade existe um problema político, a ele nada interessa senão a oportunidade de subir na vida que tem diante de si. Mostel é o outro ponto de apoio: acusado de atividades anti-americanas, ele se vê subitamente rejeitado por todos os empregadores mas, ao contrário dos escritores, não pode se valer de outras pessoas como "cobertura".

Ora, tudo isso é mais do que conhecido e o filme de Martin Ritt (ele também — como outros da equipe, inclusive Zero Mostel — figurante da Lista Negra) não faz senão confirmar uma série de depoimentos que confirmam o sistema repressivo utilizado em Hollywood na época. É de se lembrar, por exemplo, o caso de Fritz Lang, que durante anos percorreu os estúdios a procura de emprego, sem poder trabalhar e sendo sistematicamente rejeitado. Ninguém lhe dizia — afirma Lang — que ele estava implicado em "atividade anti-americanas", simplesmente diziam que seu estilo não se adaptava à atual produção do estúdio.

Este sistema de evasivas é que faz o principal mérito de "The Front": no momento em que o pânico se generaliza, também as pessoas tornam-se equivocadas. Zero Mostel torna-se amigo de Wood Allen, mas com a intenção de denunciá-lo. Wood Allen apaixonou-se por uma garota (Andrea Marcovicci) que o considera realmente escritor. Ou seja, com o tempo a máscara que cada um utiliza torna-se cada vez mais sólida e a identidade mais duvidosa. Ninguém pode ter certeza do que é: escritor e farsante, amigo ou traidor. Ritt reconstitui com gran-

de sensibilidade esta paranóia, jogando também com a identidade de seu filme: o que é cômico adquire inesperadamente um sentido dramático, para voltar em seguida ao cômico. Da mesma forma, o uso frequente de travelings conduz o espectador a participar intimamente desse jogo de enganos: à medida em que a câmara acompanha os personagens, o sentido dos cenários e de suas atitudes se transforma. A este respeito, não deixa de ser magistral o plano sequência de Zero Mostel entrando em seu quarto de um hotel de luxo após ter denunciado o amigo: Mostel examina o ambiente luxuoso que não via há muito tempo, experimenta a cama macia, distribui gorjetas generosas, prova um vinho finíssimo e sai do quarto. Ouve-se um ruído, a câmara vai até a janela, aberta, onde a cortina branca é sacudida pelo vento. O corte seguinte nos mostra o enterro de Mostel.

Não é menos bem sucedida a montagem inicial de cenas da vida americana entre 1950/53, onde combinam-se concursos de Miss, sorrisos de Eisenhower, desfiles de Marilyn Monroe, passeatas ou o casal Rosenberg momentos antes de sua execução, Imagens acompanhadas por uma música sobre a felicidade americana, cantada por Frank Sinatra: o processo não chega a ser revolucionário, mas poucas vezes terá sido usado de maneira tão comovente. E na verdade não é fácil esquecer a imagem de Marilyn desfilando em carro aberto, aplaudida por uma multidão de fãs: um pouco de Eisenhower, um pouco de Rosenberg. A felicidade nesta América consiste em desfilando sorrindo em direção à cadeira elétrica.

Inácio Araújo, de Paris
via Varig

A turma da loira fantasma está saltitante com a semana cinematográfica em Junho: "A Profecia" entra dia 28 de março e só sai quando parar de lotar a pequena sala do Marabá. No Ipiranga continua o lamentável "Socorro, eu não quero morrer virgem", até o dia 31, e depois entra "Meu Nome é Ninguém", que não tem nada a ver com aquela música cantada por Miltinho.

A Profecia — Dirigido por Richard Donner, foi um dos campeões de bilheteria nos Estados Unidos e na Europa, no ano passado. Desta vez o diabo é personificado por um menino, adotado por um embaixador norte-americano em Londres. No cardápio, sangue, maldições, mortes cruéis, empalamentos, cabeças decepadas. Sobre o socorro: sustos variados.

Socorro Eu Não Quero Mor-

rer Virgem — Pornochanchada de Roberto Mauro. Atenção para o elenco (transcrito do folheto de divulgação do filme): "Wilza Carla" — Vilma; José Paulo — detetive "Canão"; Marcos Rossi Detetive Konjoca; José Luiz Rudi — Dante; Aldine Muller — Virgínia; Agenor Verin — Franca; Sônia Vieira — Gilda; Vic Barone — Geraldo; Waldir Siebert — Gerente do hotel; Mário Vendramel — homem casado; Rose — mulher casada; Claudinei Motta — encanador; Elcio Martins — bicha.

Meu Nome É Ninguém — Uma verdadeira torre de Babel: o filme tem a participação de atores italianos, alemães, franceses e americanos, entre eles o velho Henry Fonda, Jean Martin Piero Lulli e Leo Gordon. É uma sátira de Sérgio Leone que vale como diversão.

CATÁLOGO

Uma onda de crimes começa a ocorrer em Londres. A única pista deixada pelo assassino são versos do poeta místico inglês William Blake, rabiscados ao lado de cadáveres mutilados e abandonados à margem do Tâmisa. Para resolver o mistério, é chamado Damon Reade, especialista em Blake, que se vê envolvido em desconcertantes situações. É esta, em resumo, a história de um livro que certamente será transportado para o cinema, intitulado "A Gaiola de Vidro", de Colin Wilson. Está sendo lançado pela Editora Francisco Alves. Tem 75 páginas e custa Cr\$... 65,00

— * —

Aqui no Brasil os ratos são tema para obras de ficção (exemplos "Os Ratos", de Dionélio Machado, e "O Seminário dos Ratos", de Lygia Fagundes Telles); na França, eles são tema de estudos e análises mais simpáticas. É lá que está sendo lançado o livro "Nos Frères les Rats" ("Nossos Irmãos, os Ratos"), de Michel Dansel. O autor é criador de uma "Academia Internationale Du Rat", que conta sua história, seus mistérios e tem o objetivo de ensinar a amá-los, como conta Carlos Menezes em sua coluna "Livros" do jornal O Globo.

— * —

A Editora Paz e Terra está lançando "Milagre em Joazeiro" de Ralph Della Cava. O autor é professor assistente do "Queens College" da Universidade de Nova York. O livro fala sobre o carismático padre Cícero. Preço: Cr\$ 85,00.

O PAPEL DOS ENLATADOS DA TEVE AMERICANA

O Império Norte-Americano das Comunicações — Por Herbert I. Schiller, Editora Vozes, 1976. 188 páginas, Cr\$ 70,00. Romildo Guerante, graduado em comunicação, subeditor de reportagem do J ornal do Brasil, acha esse livro fundamental para se entender o processo de sufocação da cultura nacional, via televisão: "Por ele se acompanha o surgimento do rádio e da televisão nos Estados Unidos e sua posterior apropriação pelo que o autor chama de burocracias civis e militares, a serviço de estratégias políticas e de mercado". A televisão americana, segundo mostra o livro, a serviço dessas burocracias, vem impondo padrões e valores a culturas vulneráveis, através da venda de filmes e contratos de assistência técnica, num comércio que rende mais de cem bilhões de dólares anualmente para empresas americanas.

Segundo Schiller, o Brasil é um dos países que pagam mais caro, na América Latina, pelo filme importado: em torno de um mil e quatrocentos dólares o episódio de meia hora, contra 400 dólares para os demais países. Com quatro milhões de aparelhos de televisão (dados de 1967), o Brasil é o mercado garantido.

Diz ainda o autor que, com os filmes que as emissoras brasileiras compram, vêm também outros produtos e subprodutos. O Brasil segundo Schiller, bate o recorde em matéria de empresas de publicidade americanas fora dos Estados Unidos: tem 15.



O JC EXPORTA KNOW-HOW

O jornal "Diário do Povo" de Campinas saiu, no domingo passado, com um gorro do suplemento chamado "Documento". A manchete do suplemento: "Chico, o intérprete das aspirações populares". (Chico é o Amaral, prefeito de Campinas). O jornal está cheio de publicidade, e foi editado por Carlos Roberto Ramos, ex-editor do JC. Olhai, gente: isso é exposição de know-how! Em tempo: Antônio Contente, assessor de imprensa da Prefeitura de Campinas, jura de pé junto que Chico Amaral não tem nada a ver com essa picaretagem. E nem tem dinheiro pra isso. (S.R.)



CRUZ CREDO!

A situação está preta na terra de Petronilha. Imaginem só que o dr. José Baldris, superintendente do DAE, levou quase dois meses para entregar o seu relatório ao prefeito, contando a situação dramática em que se encontra aquela autarquia. Se o DAE levou todo esse tempo para mostrar sua situação caótica, imaginem só como devem estar algumas Secretarias Municipais, que ainda estão na metade dos levantamentos. Cruz credo! (SH)

VACA SAGRADA

A julgar pelo resultado das eleições na Índia, para o povo de lá há algumas outras coisas sagradas, além da vaca. Que o diga a senhora Indira, não é? (S.V.)

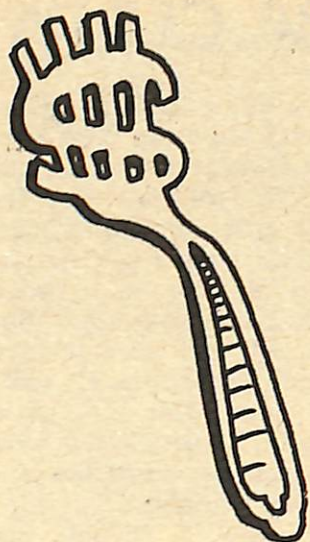
FOTOCOPIADORA MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618

Fone - 436-8460



JEITINHO NOSSO

Assisti, por um noticiário de tevê, o novo assessor de Relações Públicas da presidência da República comentando dois itens de um relatório a respeito dos hábitos de alimentação dos brasileiros.

O declarante anunciou que o índice de proteínas da comida da gente aumentou de 15 para 20%, e que a gente anda comendo mais alimentos que contêm vitamina e proteína do que antigamente, quando só comia aminoácidos..

Brasileiro é gozado, mesmo. Justo agora que a comida está custando mais caro é que ele resolve comer melhor. Francamente, não entendo esse nosso povo. (E.M.)

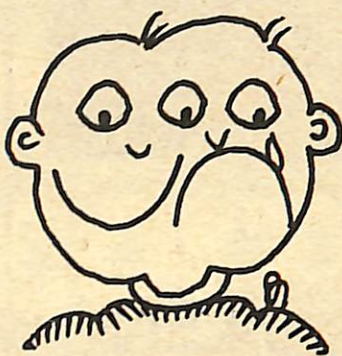
CARTÃO AMARELO

É para a Secretaria de Serviços Públicos. Há algumas semanas, contei que havia um enorme buraco à altura do n.º 54 da rua São Benedito, Vila Aparecida, ameaçando não só os carros que se arriscam a passar por ali como também as crianças que costumam brincar nas imediações. Até agora, nada. Alguns moradores andaram telefonando para o setor competente e, até agora nada. Coincidência ou não, na mesma semana saiu uma nota sobre o estado de uma rua na Colônia e o problema foi resolvido dias depois.

O que é que a Colônia tem que a Vila Aparecida não tem? (AF)

EVASÃO DE DIVISAS

Informam estatísticas da CACEX que no ano passado o Brasil importou 34,6 milhões de dólares de alpiste, contra 19,5 milhões de dólares de bebida alcoólica, incluindo uísque e vodca. Isso é o que eu chamo de inversão de prioridades. (S.V.)



RISOS & CHOROS

A Rede Globo botou todo o seu cast de novelas pra dar risada no auditório do último "Chico Anísio Especial", que homenageou Manoel de Nobrega e sua "Praça da Alegria".

Qualquer dia desses a Globo vai homenagear Janete Clair e mandar os seus humoristas chorar diante das câmaras, podes crer. (E.M.)

MALDITA ESTATICA

Segundo noticiário do dia 24, o governo vai reunir pessoas entendidas para decidir sobre a divisão dos estados de Mato Grosso, Goiás, Amazonas e Maranhão.

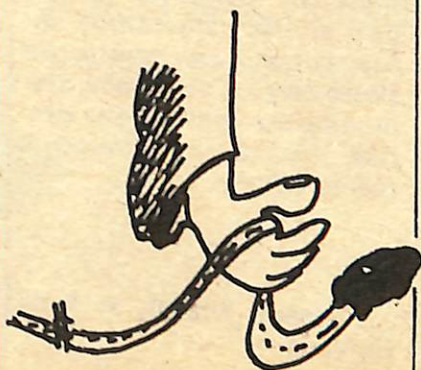
Não deu pra ouvir com quem eles vão dividir. (E.M.)



FUNDO DE INVESTIMENTOS

Falando à CEI, o ex Ibis Cruz disse que não fez avindas, mas "saneamento em fundo de vales".

É um caso típico de "vale quanto pesa", hein? (E.M.)



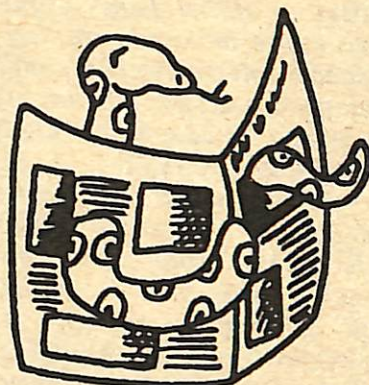
VOCÊ É RESPONSÁVEL

Durante o jogo Brasil x Paraguai, aqui na terra, o comentarista da Rede Globo disse, entre outras coisas que "se o jogador Toninho não conseguir jogar até o fim, vai ter que sair" e que "a bola não entrou, mas se entrasse não ia dar outra". No decorrer da partida o locutor conclamava o povo a levar alguém ao Mobral (Renato).



BOQUIRROTO

O bom-vivant Chiquinho Scarpa confessou, em juízo, que não passa de um boquirroto. Depois de dar a entender, num "Fantástico", que esteve, digamos assim, na intimidade da princesa Caroline, levou uma prensa dos advogados do Principado de Mônaco, e se desdisse. O que restabelece não apenas a integridade física da filha da princesa Grace, como mantém incólume a fortuna do herdeiro dos Scarpa, que andou ameaçada de um desfale de ordem de uns bons milhões de cruzeiros. Voyeurs de todo o mundo, rejubulai-vos: Caroline continua intacta. (SV.)



EQUIPE DE PRIMEIRA

O Jornal da Cidade tem uma equipe fabulosa cuidando da sua página de variedades. Os críticos e redatores, que assinam UH, JT, DSP e FSP ainda acabam sendo convidados a trabalhar em grandes jornais, como Última Hora, Jornal da Tarde, Diário de São Paulo e Folha de S. Paulo. (AF)

AUTOCRÍTICA

Terminado o jogo entre Santos e Corinthians, o repórter do Jornal da Tarde foi perguntar ao jogador Geraldão se os inúmeros gols que ele tem perdido são um reflexo da chegada de Palhinha, futuro titular no ataque corinthiano. Geraldão foi sincero:

— Ele chegou na semana passada e estou perdendo gols desde o início do ano. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. (Pela transcrição, AF)



A ÚLTIMA DO CHIOSORA

Deu no JJ de 22/3, coluna "Sociais", sob a batuta de Nelson Chiosorin Júnior: "A jovem será especialmente parabenizada por seus pais (...) e também de sua irmã Marisa".

Já faz tempo que eu queria cumprimentar por você, de sua brilhante página, Chiosora. Parabenizo-me, pois. (AF)



COMÉRCIO MÍOPE (II)

Retomando Erazé da semana passada, nesta mesma página: além de relógios, é bom não mandar anéis para reparos no Marchi. Uma amiga minha mandou um, e eles depois de muita enrolação, confessaram que o perderam, "A senhora passe na semana que vem, que a gente vai procurar". Var ver que está junto das pecinhas do relógio do Erazé. Loja organizada taí. (S.V.)

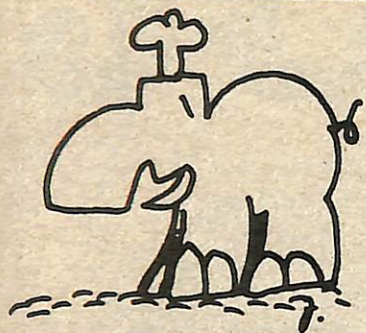
DIÁLOGO, AFÁVEL

E a folclórica Câmara Municipal continua sendo palco para diálogos afáveis:

Duílio — Tarcísio, uma você dá no cravo outra na ferradura.

Tarcísio — Claro Duílio. Você não para com o pé quieto.

Cortina, rapidíssima. (SH)



A ÁGUA CHEGOU AI?

Em 1976, o DAE realizou apenas uma obra, considerada pela administração passada como prioritária. A rede de água foi "esticada" até o sítio do seu Pereira, que fica na Malota. Certo que a ligação de água não se consumiu, mas é o caso de se perguntar: alô, periferia, a água já chegou por aí? (SH)

ELEMENTAR MEU CARO WATSON

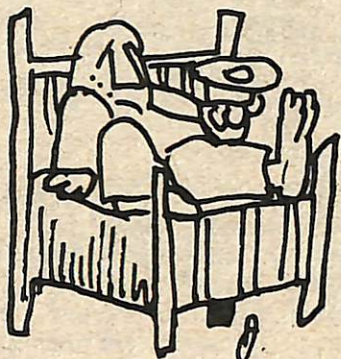
Nero Wolf não seria capaz de um conclusão tão perspicaz. O repórter de polícia do JC, tecendo ilações a respeito de um padeiro que matou uma mulher com oito tiros, levantou a hipótese do crime passionnal. E raciocinou com fulgurantes silogismos: se a arma utilizada tinha capacidade para sete tiros e o assassino deu oito tiros, a única alternativa é que "o padeiro tenha recarregado a arma para continuar disparando". Depois desta conclusão aterradora, continua: "Essa alternativa reforça a hipótese de crime passionnal, uma vez que, disparando oito vezes seguidas contra uma pessoa, o atirador não tenha outra intenção se não de matar, sem chance alguma de sobrevivência". Realmente, é muito difícil que alguém atire oito vezes em alguém sem intenção de matar. Mais difícil ainda é que alguém queira matar alguém dando-lhe algumas chances de sobrevivência. Arrolê-se também como vítima, nesta novela policial, a gramática, com quem o JC vem mantendo velhas e notórias desavenças. (SV.)



ABAIXO A POBREZA

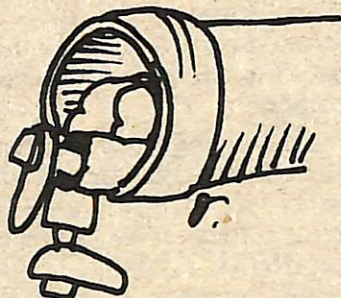
Durante a CEI sobre o São Vicente, o líder da Arena, Elio Zillo, ajudou o Ibis Cruz a detectar uma das causas do déficit do hospital: o excessivo número de leitos para atender indigentes.

Quando eu esperei que Zillo, coerentemente, fosse concluir que indigente é sinônimo de progresso ele agradeceu ("to brigado") e sentou-se. (E.M.)



PELO CANO

Com um déficit de 15 milhões de cruzeiros previsto para este ano, uma coisa é certa: o DAE entrou pelo cano. (S.H.)



COMO EVITAR VIAGENS E INFLUENCIAR PESSOAS

Título de anúncio publicado pelo Jornal do Brasil: "Tratamento geriátrico em Barbacena evita viagens à Romênia".

Como é que a gente faz para evitar uma viagem ao Marrocos? (AF)



SESSÃO NOSTALGIA

Metade do público presente à audiência de Ibis Cruz na CEI do São Vicente era formada de ex (secretários, chefes, assessores), além de amigos e parentes. Parecia aquelas fotos que o "Jornal da Cidade" publicava antigamente na primeira página. Tava até emocionante. (E.M.)



FAZENDA & SÍTIO

Depois de "Refazenda", agora é a vez do "Sítio do Picapau Amarelo", um compacto simples de Gilberto Gil, com a música-tema da novelinha infantil da Globo.

Esqueça a novelinha e compre o disquinho. (E.M.)

QUEM É?

Como naquela velha piada do Papa, quem é mesmo aquele sujeito que está ao lado do diretor-responsável do Jornal da Cidade na foto da primeira página do dia 22 de março, terça-feira? (S.V.)

PS: Ôpa, depois fiquei sabendo: é um certo Murilo Macedo, secretário estadual da Fazenda. Desculpem a distração. (S.V.)

CRISES

As três coisas mais escassas hoje em dia: leite, cerveja e gol do Geraldão. (AF)

NOVIDADES
Charme
CALÇADOS
ROJARIO.626

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 436-1541

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434-2253

COMÉRCIO DE COUROS
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 - 60,00
Bola futebol n.º 2 - 74,00
Bola futebol n.º 3 - 97,00

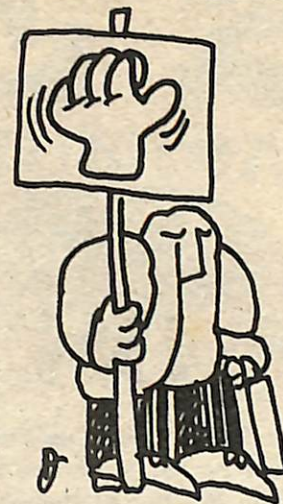
AÇOUGUE E CASA DE
CARNES MARCIO
CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone- 436-4880

MEIO & MENSAGEM

Gozado. No tempo em que os locutores de telejornal eram feiozinhos (Homero Silva, Ribeiro Filho, lembra-se) as notícias também eram feias, todas beirando o caos.

Agora, com os rostos maravilhosos de Cid Moreira, Sérgio Chapelin, Carlos Campbell ficou tudo tão em ordem...

O que é a natureza, não? (E.M.)



CARONA & INTERESSE

Tem um comercial na tevê, onde aparece um tal de Santos que dá carona pros amigos uma vez por semana, economizando gasolina e convivendo melhor, segundo o locutor.

Acontece que ele só convive melhor com quem dá carona prele nos outros dias, porque do jeito que ele trata aquele pedestre que vem cumprimentar ele no começo da fita, vou te contar!

Cara interesseiro, esse Santos. (E.M.)

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044--Tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira Moraes, 242
Fones: 434-1067, 434-1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória s/n.o - J. Messina
Fones: 434-1056, 434-1666

Esta semana o prefeito da cidade recebeu da Secretaria de Finanças os números da trágica herança do prefeito Ibis Cruz: um saldo negativo de 50 milhões e uma dívida de 437 milhões de cruzeiros. O Secretário interino das Finanças terminou o relatório assim: "Deus o ajude".



OS NÚMEROS DO DESASTRE

Não foi parar usar uma mera figura de retórica que o dr. Renê Ferrari, secretário interino de Finanças, encerrou o relatório da situação financeira de Jundiaí, enviado ao prefeito, com um patético "Deus o ajude".

A cidade vai precisar mesmo da ajuda da Divina Providência e de algo mais para consertar o caos herdado da administração Ibis Cruz. O tamanho do desastre está configurado nos números indelmentáveis do relatório: em 31 de janeiro de 1977, véspera da posse de Pedro Fávaro, a cidade devia 437 milhões de cruzeiros. Essa dívida aumenta à razão de aproximadamente 300 mil cruzeiros por dia em juros e correção monetária.

Durante o seu governo, o prefeito Ibis Cruz sacou Cr\$... 302 milhões de empréstimos, a maior parte no ano de 1976. Só em janeiro último, no fim de sua administração, o ex-prefeito consumiu Cr\$ 83 milhões de dívidas.

E os empréstimos foram contratados de tal forma, com tais prazos de carência, que o início do pagamento de todos eles foi programado para o exercício de 1977.

A primeira prestação do primeiro empréstimo (o de 53,7 milhões, do Banco do Brasil) venceu no dia 1.º de janeiro, ainda no governo Ibis. Valor: Cr\$ 2.755.193,94. Ela só foi paga no dia 31 de janeiro (acrescida de juros de mora de Cr\$ 75.319,94) e com o dinheiro de um empréstimo de Cr\$... 8.166.666,00 feito pelo Banco do Estado. Ou seja: Ibis, no último dia de sua administração, tirou um empréstimo para pagar outro empréstimo. Os encargos financeiros dessa nova operação, no montante de Cr\$ 1.514.329,36, também não foram assumidos pelo ex-prefeito. Foram debitados pelo Banespa na conta da Prefeitura no dia 14 de dezembro, quando havia saldo para superar esse lançamento.

EMPRÉSTIMO VENCIDO

A primeira prestação do empréstimo de Cr\$ 81 milhões, também no Banco do Brasil, venceu também no dia 1.º de janeiro. Valor Cr\$ 3.023.660,53. Até hoje não foi paga, porque a Prefeitura não tem dinheiro. Os juros de mora estão correndo e o montante da dívida vai aumentando. A Prefeitura pediu a prorrogação do vencimento dessa primeira parcela do empréstimo, mas o Banco do Brasil respondeu que não concordava. Logo o Banco do Brasil, que foi tão solícito em trazer o dinheiro para pagar as faturas milionárias da Andrade Gutierrez, agora se mostra tão implacável na cobrança da dívida.

DE PRESENTE, UM SALDO NEGATIVO

A posição financeira do município, no dia da passagem de governo, a 31 de janeiro, era lamentável: havia um saldo negativo de praticamente 50 milhões de cruzeiros.

Eis o quadro demonstrativo:

Despesa empenhada até 31.1.77	Cr\$ 15.570.653,17
Despesa paga até 31.1.77	Cr\$ 11.726.561,91
Saldo a pagar	Cr\$ 3.844.091,26
Saldo de restos a pagar de exercícios anteriores	Cr\$ 50.914.288,32
Total a pagar	Cr\$ 54.758.379,58
Menos: saldo disponível em caixa e bancos	Cr\$ 4.765.513,50
Saldo negativo que passou...	Cr\$ 49.992.866,08

Por outro lado, os encargos previstos para este ano referentes aos empréstimos, são assustadores. Estimada com otimismo a correção monetária em 7,5% ao trimestre, eles somam cerca de Cr\$ 100 milhões, com a seguinte distribuição de vencimentos:

janeiro	Cr\$ 13,5 milhões
abril	Cr\$ 16,2 milhões
julho	Cr\$ 33,1 milhões
outubro	Cr\$ 37,0 milhões

E essa carga odiosa continua pelos anos afora, cada vez mais pesada. Segundo a projeção da Secretaria das Finanças, a liquidação das dívidas exigirá os seguintes desembolsos:

1978	Cr\$ 135 milhões
1979	Cr\$ 160 milhões

1980	Cr\$ 141 milhões
1981	Cr\$ 152 milhões
1982	Cr\$ 181 milhões
1983	Cr\$ 214 milhões
1984	Cr\$ 253 milhões
1985	Cr\$ 193 milhões
1986	Cr\$ 149 milhões

E a coisa continua, pois tem financiamento (o maior deles, por sinal) cujo prazo de liquidação é de 19 anos.

Este é o preço que a cidade vai pagar pelos abusos que o ex-prefeito cometeu nos quatro anos de seu governo.

Diante desse quadro tão sombrio, o dr. Renê Ferrari, que responde pela Secretaria de Finanças, apresenta sem seu relatório uma série de "conclusões gerais" bastante sintomáticas. São estas:

"Considerando que o orçamento para o corrente exercício apresenta uma receita super-estimada em alguns itens e que estudos preliminares elaborados prevêm que, excluídos os saldos (já comprometidos) das operações de créditos já contratadas, no valor de Cr\$ 135 milhões, a receita deverá se realizar em torno de Cr\$ 220 a 230 milhões no presente exercício:

"Considerando também que as despesas foram subestimadas em comparação com os exercícios anteriores e que algumas nem constaram do orçamento da despesa;

"Considerando que o Município deverá dispendir no corrente exercício com pagamentos dos serviços da dívida pública, aproximadamente Cr\$ 100 milhões.

"Considerando que se as receitas atingirem Cr\$ 230 milhões e os pagamentos dos serviços da dívida pública montam a Cr\$ 100 milhões, teremos somente um saldo de Cr\$ 130 milhões, insuficiente para atendermos a todas as necessidades do Município, manutenção das Secretarias, auxílios às autarquias, serviços públicos prestados por terceiros, etc., conjugando-se ainda o saldo negativo de aproximadamente Cr\$ 50 milhões, conforme balancete de 31/01/77.

Sugerimos:

"Medidas a curto prazo:

"1 - Comprimir as despesas de custeio (o que já se vem fazendo); 2 - Cobrança imediata das taxas de pavimentação (providências iniciais já tomadas); 3 - Execução fiscal da Dívida Ativa de 1975; 4 - Execução Amigável da Dívida Ativa de 1976; 5 - Lei autorizando o parcelamento dos débitos em atraso, facilitando os contribuintes a colocarem-se em dia com a Fazenda Municipal (providência já tomada); 6 - Gestões junto ao Banespa/BNH (Fidren) e Caixa Econômica Estadual (pavimentação) para que se consiga dilatar os prazos de carência dos contratos de financiamento, prestes a vencerem, tentando prorrogar os prazos iniciais de amortização para que se possa reformular o irreal orçamento de 1977.

Medidas a longo prazo:

"1 - Gestões junto às autoridades governamentais da União para que seus órgãos assumam os encargos do Sistema Viário e/ou forneçam recursos para execução de obras realmente prioritárias através de Fundos Perdidos (sem encargos para o Município); 2 - Gestões junto aos órgãos estaduais para a recuperação do investimento feito pelo Município em benefício de seus serviços (especialmente Fepasa e DER); 3 - Gestões junto ao Governo do Estado para que a SABESP assumam os encargos do Município, fazendo retornar aos cofres da Prefeitura os investimentos feitos em obras de interesse regional".

Fontes	data contrato	Valores (em milhões de Cr\$)				
		principal	tax. ad.	juros	cor. mon.	posição em 31.1.77
Banco do Brasil	20.12.74	53,7	5	10,3	32,4	97,0
Banco do Brasil	10.09.75	81,0	8	4,6	24,8	111,3
Banespa (BHN - Fidren)	30.07.76	141,5	1,9	1,0	9,9	154,2
Caixa Ec. Fed. S. Paulo	09.06.76	70,0	7	2	3,7	74,6
Somas		346,2	3,9	16,1	70,9	437,1

Esta era a situação, em 31 de janeiro, dos vários financiamentos concedidos ao município.

A CIDADE ESTÁ FALIDA. OU NÃO?

Diante desse quadro trágico, qual é a opinião do vice-prefeito Ary Fossen, que se prepara para assumir a Secretaria de Finanças?

- Ainda não sei se a cidade está falida ou não. É que falta a projeção da receita para os próximos exercícios para saber se os empréstimos foram viáveis ou não. Se chegarmos à conclusão que os empréstimos são inviáveis, teremos que apertar o cinto.

Para tentar contornar a ameaça que paira sobre os cofres vazios da Prefeitura, ele disse que várias medidas serão postas em prática para recheiar com algum dinheiro as mirradas contas. Na verdade, será uma colcha de retalhos de cobranças e economia nos gastos.

Para começar, há cerca de 95% dos antigos cargos em comissão vagos, diminuindo consideravelmente a folha de pagamento. A dívida ativa de 76 será cobrada amigavelmente, por ser o modo mais rápido e econômico. Só de impostos do ano passado, há cerca de Cr\$ 12 milhões.

Com um otimismo inesperado para quem conhece a fundo a situação financeira do município, Ary se revela confiante em poder resolver a questão. Aliás, esse sentimento foi assimilado por contágio: "quando discutimos com o prefeito, ele sempre diz que tem que haver um jeito, uma forma de conseguir o dinheiro necessário", afirmou o esperançoso vice-prefeito.